

ANA KEI BALLABIO OSERA

**A PRODUÇÃO DE CORPOS AMARELOS A PARTIR DE
EMOÇÕES AVERSIVAS NA INTERNET**

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2022

ANA KEI BALLABIO OSERA

A PRODUÇÃO DE CORPOS AMARELOS A PARTIR DE EMOÇÕES AVERSIVAS NA INTERNET

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2022

RESUMO

Na internet há a circulação de diferentes discursos que, de diversas formas, caracterizam o corpo amarelo como aversivo. Ao mesmo tempo em que há textos que declaram ódio e nojo explicitamente a essa parcela da população, discursos médicos carregados de eufemismos tentam justificar procedimentos estéticos que suavizam os traços fenotípicos leste asiáticos - tornando esses traços em aversivos e dignos de mudança. Para compreender de que formas as emoções aversivas constroem os corpos amarelos, neste trabalho há a análise de diferentes discursos encontrados na internet que expressam hostilidade de alguma forma contra esse grupo. A interpretação desses textos se ancorou em trabalhos que discutem sobre a perspectiva antropológica das emoções, assim como em artigos que se debruçam sobre a discussão da construção do sujeito asiático brasileiro a partir das singularidades das grandes imigrações leste asiáticas ao Brasil. Ódio e nojo são as emoções mais presentes explicitamente nas mensagens e as que mais se articulam com diferentes formas de afastamento e aniquilação simbólica da população amarela.

PALAVRAS-CHAVE

Redes sociais; discurso; corpos amarelos; ódio; emoção; sentimentos hostis

ABSTRACT

On the internet there is the circulation of different discourses that, in many ways, characterize the yellow body as aversive. At the same time that there are texts that declare hate and disgust explicitly to this part of the population, medical discourses loaded with euphemisms try to justify aesthetic procedures that soften phenotypical east asian traits - transforming these traits into aversive and worthy of change. To understand the ways that aversive emotions build yellow bodies, this research is based on the analysis of different discourses found on the internet that express hostility in some way against these bodies. These texts were interpreted based on papers that discuss the anthropological perspective of emotions, as well as in researches that investigate the construction of the asian brazilian subject in view of the singularities of the great east asian immigrations to Brazil. Hate and disgust are the most present explicitly in the messages articulating different ways of removal and symbolic annihilation of the yellow population.

KEY-WORDS

Social media; discourse; yellow bodies; hate; emotion; hostile feelings

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.1 A política das emoções	9
1.2 Os sentimentos aversivos	14
1.3 Os incômodos na construção do sujeito asiático brasileiro	24
2. METODOLOGIA	29
3. ANÁLISES	32
3.1 Expressões de hostilidade emotiva e tentativas de aniquilação no Twitter.	32
3.2 Discursos que justificam a ocidentalização dos olhos e a fetichização disfarçada de celebração.	40
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

A discussão sobre identidades e vivências de pessoas amarelas¹ no Brasil é recente e ganhou mais fomento, infelizmente, a partir das violências sofridas por esse grupo em razão da pandemia do Covid-19, em 2020. O discurso de ódio contra a população amarela, veiculado, principalmente, por grandes personalidades da política, como o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente *Donald Trump*, é visto pela antropóloga Lais Miwa Higa² como um dos principais fatores para o aumento dessas violências. O termo “vírus chinês”, por exemplo, culpabiliza uma nação inteira, que fica vulnerável às revoltas e se mistura, com muita facilidade, com discursos racistas e xenofóbicos.

No Brasil, mesmo que a população amarela seja expressiva - lembremos que o Brasil abriga a maior população japonesa e descendente fora do Japão³ - a questão de se identificar com a comunidade e se entender como pessoa amarela não é tão simples. Na mídia, a comunidade amarela parece ser, quase sempre, socializada como branca e colocada nos mesmos locais que pessoas brancas, o que culmina numa mistura confusa sobre raça e privilégio. A própria discussão sobre a utilização dos termos “xenofobia” ou “racismo” ilustra bem essa falta da racialização de pessoas amarelas no Brasil. Segundo Higa, o correto seria utilizar o termo “racismo”, já que nem todas as pessoas que sofrem essas violências não são necessariamente estrangeiras, mas, também, brasileiros e brasileiras.

Por estar situada nesse contexto deficitário de discussões sobre racialização da população amarela, e, além disso, estar numa família de mãe branca e pai amarelo que não pautava fortemente essas questões, demorei *muito* para entender que *talvez* eu não fosse branca - dizer isso em voz alta ainda soa um pouco estranho. Infelizmente, o fato que me fez começar a questionar isso e pesquisar mais sobre, foi uma micro-violência que sofri, junto com minha irmã, no início da pandemia. “Eca!” foi a primeira coisa que nós ouvimos ao nos conectarmos, de câmera aberta, com um menino brasileiro aleatório no servidor de um site para conversas. Quando eu o questionei, perguntando o porquê do nojo, ele respondeu que, “por culpa de vocês, chineses”, ele havia passado na faculdade, mas não estava podendo estudar.

¹ Utiliza-se o termo amarelo para se referir aos descendentes de japoneses, chineses, coreanos, taiwaneses e de outros países do leste-asiático. <https://www.uff.br>

² Lais Miwa Higa é doutoranda em Antropologia Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. <https://jornal.usp.br>

³ Com mais de dois milhões de japoneses e descendentes, o Brasil abriga a maior comunidade nikkei (descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou japoneses que vivem há muito tempo no exterior) do mundo. <https://www.saopaulo.sp.gov.br>

Esse episódio me fez pensar que talvez as pessoas não me lessem como branca, maneira que eu me apresentava e achava que era vista pelos outros. Dessa forma, comecei a pesquisar sobre o tema na internet, acessei alguns *podcasts* sobre, assisti a alguns depoimentos e li artigos com os quais me identifiquei fortemente com as pautas, as situações e sensações descritas. Portanto, esse trabalho, além de pretender trazer à luz a discussão sobre os sentimentos hostis contra a população amarela, traz uma reflexão que tem um peso muito pessoal e recente, também.

O objetivo deste trabalho é tratar as emoções hostis como categorias de análise e entender como estas articulam e moldam os corpos amarelos a partir de mensagens de aversão na internet. O objetivo se baseia no argumento principal de que interpretar as emoções como fatores construídos histórica e socialmente é fundamental, pois rompe com a visão psicobiológica das emoções que abre espaço para a naturalização dos sentimentos hostis direcionados a certos grupos sociais. O questionamento das emoções pode elucidar questões como o porquê da dificuldade de mudar estruturas e hierarquias impostas a nós desde cedo. Se tratarmos as emoções como fatores construídos principalmente socialmente, enxergamos com mais clareza a sua capacidade de articulação do entorno, categorizando e estigmatizando certos grupos.

Segundo relatório⁴ divulgado pela *Stop Asian Hate*⁵, entre março de 2020 e março de 2021, 6.603 casos de violência foram registrados nos Estados Unidos. O documento divide as discriminações entre assédio verbal - a com mais ocorrências, contando com 65,2% dos registros-, evitação, violência física, violação dos direitos civis e assédio online. O relatório ainda revela que o gênero, idioma e religião são os mais citados como motivadores dessas violências. Os grupos mais afetados pelos ataques, segundo o documento, são o das mulheres asiáticas (64,8% das ocorrências) e da população chinesa ou descendente de chineses (43,7% das ocorrências). Portanto, a pesquisa pretende contribuir para a discussão sobre os sentimentos hostis e os discursos de ódio contra a população amarela, tanto antes, quanto depois do agravante da pandemia do Covid-19. Além das violências marcadas pela pandemia, o trabalho pretende dissertar sobre as agressões sofridas pela população amarela no dia a dia, com manutenção de estereótipos obsoletos, mito da minoria modelo e as marcas de ódio deixadas em corpos racializados que se traduzem, em muitas vezes, numa pressão estética de

⁴ Disponível em: <https://stopaapihate.org>

⁵ A “Stop Asian Hate” é uma organização criada a partir da onda de agressões contra pessoas amarelas por conta da pandemia do Covid-19 para registrar, analisar e encontrar soluções efetivas para esse problema. <https://stopaapihate.org/>

raiz racista resultando, por exemplo, no *boom* de procedimentos estéticos que “ocidentalizam” corpos asiáticos.

Para atingir o objetivo deste trabalho, a partir de uma pesquisa exploratória, utilizando a rede social *Twitter* como principal ferramenta, analiso tuítes que contenham alguma mensagem de hostilidade contra a população amarela. O *Twitter* foi escolhido por conta da sua ferramenta de busca simples e efetiva, a partir de termos específicos e *hashtags*, que facilita a procura por essas manifestações. Além disso, trata-se de uma rede social amplamente utilizada e que abriga diversas discussões de cunho político e racial. Para tratar sobre a questão do padrão estético eurocêntrico que sugere como solução as cirurgias de ocidentalização, analiso o discurso de alguns médicos justificando essa cirurgia em seus *websites*, assim como tuítes sobre o procedimento e três matérias: uma que conta a história de uma influencer que fez 32 procedimentos estéticos para se tornar coreana e se considera uma pessoa transracial e outras duas que, com diferentes angulações, tratam sobre a cirurgia de ocidentalização dos olhos e as tentativas de suavização dos traços amarelos.

Este trabalho parte do argumento de que as emoções não são elementos biológicos e universais, mas, sim, construções históricas e culturais que se delineiam a partir de diferentes contextos e que, além disso, contribuem para a construção e manutenção de relações de poder. A análise se ampara em pesquisas sobre as emoções e como elas se articulam dentro do contexto político e cultural a partir de considerações de diversos autores que se debruçam sobre essas discussões (REZENDE E COELHO, 2010; FREIRE FILHO, 2017). Além disso, baseia-se, também, no trabalho de autores dedicados ao estudo, especialmente, das emoções aversivas e de suas movimentações de afastamento ou aproximação e da corporalidade nas questões de identidade a partir de (AHMED, 2012; KOLNAI, 1998, 2017; SOLOMON, 2008; MILLER, 1998; TAKAKI, 2012; ENNES, 2010).

A estrutura do trabalho conta com três capítulos. O primeiro, de referencial teórico, se divide em três seções e busca, a partir da bibliografia supracitada, refletir sobre as emoções com um viés político, racial e de construção histórica e cultural. Os sentimentos aversivos - ódio, nojo, raiva -, também serão abordados na teoria, partindo do pressuposto de que as emoções são todas ensinadas e aprendidas. Resgatando o argumento de Ahmed (2012), a pesquisa busca entender não necessariamente o que as emoções são, mas o que elas fazem e que tipo de estruturas elas constroem e mantêm. Por último, a partir de Morita (2019) e Ischida (2010), há a reflexão sobre as formas que o sujeito amarelo brasileiro foi construído a partir de estereótipos criados na época do forte fluxo de imigração leste asiático ao Brasil.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada para análise de todos os objetos: tuítes, textos de justificativa nos sites dos cirurgiões, e as matérias jornalísticas - tanto a que conta a história da Oli London quanto as que abordam a mudança de traços raciais. O terceiro capítulo foca na análise dos objetos a partir da expressão, nos tuítes, de hostilidade emotiva - manifestações de ódio, raiva, nojo ou ressentimento -, reforço de estereótipos, pressão estética, tentativas de aniquilação simbólica etc. Este capítulo pretende, ainda, dissertar sobre o surgimento, principalmente a partir da ascensão do *k-pop*⁶ no ocidente, de um movimento curioso de pessoas brancas utilizando maquiagens específicas, ou, até mesmo, fazendo procedimentos estéticos para ganharem características asiáticas. Essa movimentação suscita a discussão sobre transformar características físicas de pessoas amarelas em marcas de ódio e o porquê destas serem dignas de nojo e aversão em alguns corpos, mas almejadas e até mesmo comercializadas em outros. Por fim, para obter um panorama das formas que o jornalismo aborda as tentativas de ocidentalização, há a análise de duas matérias encontradas a partir do Google Notícias sobre o tema.

⁶ O k-pop, abreviação para “korean pop”, ou “pop coreano” é um gênero musical que ganhou intensa popularidade no mundo todo a partir do ano de 2017, principalmente. <https://tracklist.com.br>

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho se estrutura em três seções. A primeira se dedicará à análise das emoções a partir de uma perspectiva política, ancorada nas pesquisas de Rezende e Coelho (2010), Freire Filho (2017) e Ahmed (2012) que discutem sobre a origem das emoções e como estas se articulam dentro de contextos históricos, culturais e sociais. A segunda seção terá como discussão central os sentimentos aversivos, as formas que estes surgem, contra quem, de que maneira, e, principalmente, que marcas deixam nos corpos alvos dessas manifestações e será baseada em autores que se debruçam sobre o tema, como Ahmed (2012), Kolnai (1998; 2017), Solomon (2008) e Miller (1998). A terceira e última seção se dedicará ao estudo das autoras Maria Rita Umeno Morita (2019) e Camila Aya Ischida (2010), asiáticas brasileiras que dissertam sobre a construção do sujeito amarelo brasileiro a partir, principalmente, das peculiaridades das grandes imigrações leste asiáticas ao Brasil.

1.1 A política das emoções

As pesquisas de Rezende e Coelho (2010), Freire Filho (2017) e Ahmed (2012), fundamentam a premissa teórica principal deste trabalho: a de que as emoções não devem ser vistas apenas como fenômenos biológicos e naturais, e sim, como construções históricas e sociais que articulam relações de poder. Ao tratar as emoções como foco central da análise, esses trabalhos nos convidam a problematizar o que as emoções fazem. Seu poder de ação é, justamente, articular as relações, pois podem justificar, normalizar, legitimar ou fortalecer hierarquias já existentes. Por um outro lado, podem, também, a partir do questionamento e da problematização, desestabilizar hierarquias já aceitas e cristalizadas.

Segundo a perspectiva biológica, as emoções são consideradas fenômenos comuns e naturais a todos os seres humanos, portanto, universais. Ou seja, por dependerem exclusivamente de questões psicológicas e biológicas, seriam inerentes à condição humana. O senso comum sobre as emoções, fortemente influenciado por esse viés moderno, deixa de lado a possível ação do tempo e espaço nessas manifestações. E é essa visão psicobiologizante das emoções, que desconsidera qualquer carga social ou cultural em suas expressões, que Rezende e Coelho (2010) criticam em “Antropologia das Emoções”.

Corpo e emoção entram em contraste com razão e mente. Surgem, então, diversas comparações entre racional e emocional, culminando, quase sempre, em questões de controle

e equilíbrio dessas áreas. No geral, aquele que controla as emoções e opera a partir da razão, teria mais chances de sucesso, ascensão e conhecimento. A razão nos diferenciaria de qualquer outra espécie animal, enquanto a emoção nos aproximaria⁷. Dentro da lógica de senso comum, certos grupos sociais seriam mais emotivos que outros. A partir do argumento de sociedades euro-americanas, pretos, pobres e povos tidos como “primitivos”, teriam menos controle das emoções, tornando-se, assim, mais perigosos e uma constante ameaça. Essas comparações e, mais contemporaneamente, cobranças excessivas sobre o racional e emocional servem de argumento para a criação e cristalização de hierarquias e disputas de poder. “De um modo geral, a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude do seu menor controle das emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos (...)” (REZENDE, COELHO, 2010, p. 26).

O perigo de considerar as emoções como expressões estritamente biológicas é naturalizar os sentimentos hostis direcionados a certos grupos. Se o nojo, o ódio e o desprezo são reações naturais do corpo humano, concluímos, então, que grupos minoritários como o de pessoas amarelas, pretas, mulheres, imigrantes etc. são naturalmente perigosos e dignos de aversão - há uma justificativa para essas movimentações hostis. Interpretar as emoções como construções históricas e culturais torna-se, portanto, necessário para que não haja a naturalização desses sentimentos contra grupos sociais específicos. A visão histórica e cultural endossa o caráter político das emoções. Mesmo que afetem o corpo, trazendo a sensação de naturalidade e espontaneidade, nós aprendemos, desde cedo, o que sentir, sobre quem e de que forma.

A partir da análise de Rezende e Coelho (2010), o corpo se torna palco e as emoções protagonistas de novas formas de poder que o disciplinam em contextos e formas diferentes. A compreensão e vivência dos corpos são fortemente influenciadas pelo contexto histórico e cultural em que os indivíduos estão inseridos. Dessa forma, a maneira como associamos a origem de algumas emoções com processos corporais específicos fazem sentido para aqueles que compartilham do mesmo repertório cultural e social, mas não é universal. Por mais esse motivo, torna-se necessário criticar a visão psicobiológica e universal das emoções.

Essa crítica à visão biológica das emoções ainda não tem força expressiva nos estudos sobre o tema dentro do campo da comunicação. Freire Filho (2017) explica que os estudos

⁷ Mesmo para uma sociedade contemporânea, que cobra resultados imediatos e feitos grandiosos que só poderiam ser concluídos com a razão à frente, as emoções também têm seu valor nessa comparação. Em outros contextos, a emoção seria força-motriz em movimentações que prezam pela criatividade, humanidade e acolhimento - virtudes perdidas em meio à racionalidade.

sobre as emoções na comunicação seguem, principalmente, a lógica do paradigma da psicologia experimental, na qual as emoções têm uma definição mais restrita. Elas seriam fenômenos psicofisiológicos que ocorrem durante um curto período de tempo e estariam sujeitas a serem influenciadas, observadas e analisadas. Além disso, os trabalhos que falam sobre como os processos midiáticos se relacionam com as emoções é, ainda, carente.

Segundo o autor, as emoções são tratadas de duas formas diferentes dentro dos estudos sobre os efeitos da mídia. Uma das formas interpreta as emoções como “variáveis dependentes”, ou seja, como fatores influenciáveis por recursos midiáticos - reportagens sensacionalistas, trilha sonora, entonação e estratégias publicitárias suscitarium ou intensificariam certas emoções. A outra forma trata as emoções como “variáveis independentes”, elas teriam o poder de influenciar expressões de comunicação - ou seja, como as emoções e o humor, anteriormente estabelecidos no corpo, influenciariam tanto o emissor, na hora da elaboração e transmissão da mensagem, quanto o receptor, na hora da interpretação desta.

Coincidindo com a ideia principal de Rezende e Coelho (2010), Freire Filho (2017) entende a visão das emoções como fatores instintivos e naturais da nossa evolução como enfraquecedor das possibilidades de interpretação destas como fruto de contextos históricos, sociais e culturais. A partir da pedagogia das emoções, promovida pela escola, família e mídia, somos ensinados, desde cedo, a identificar os objetos e sujeitos dignos de amor, ódio, nojo etc. Unido a isso, a lógica medicalizante e coercitiva imposta aos corpos define que um desvio, mesmo que mínimo, dessas formas de sentir, é suficiente para separar o sujeito e tratá-lo. Para os que seguem todas as orientações à risca, no entanto, os frutos são os mais diversos.

Os aparatos culturais reguladores fornecem conselhos e técnicas que permitem maximizar certas emoções e restringir outras, em conformidade com variados objetivos – honra, harmonia, disciplina, produtividade etc. A insegurança que envolve, com penosa frequência, a demonstração pública de emoções se deve em larga medida ao fato de que lidamos com expectativas sociais contraditórias, em determinadas situações. (FREIRE FILHO, 2017, p. 68).

Segundo o autor, a demonstração pública, das mais variadas naturezas, inclusive, da emocional, é uma das características mais fortes e mobilizadoras da internet - sua capacidade de unir, em espaços comuns, pessoas das mais diversas vivências, experiências e grupos sociais é singular. As redes sociais, especialmente, permitem que os usuários não apenas contem suas histórias, mas, também, que desempenhem o papel de juízes das emoções

alheias. Os regimes emocionais⁸ predominantes no ambiente virtual decidem quais grupos sociais podem expressar suas emoções e de que forma. Geralmente, a raiva é associada às classes mais dominantes, enquanto a virtude do carisma e alegria são direcionadas aos serviços. Diferentes emoções são designadas a diferentes grupos sociais, cooperando com o controle dos indivíduos e o fortalecimento de hierarquias e relações de poder já bem estabelecidas (Freire Filho, 2017).

Visto que diferentes emoções são designadas a diferentes grupos sociais, Ahmed (2012), que é britânica de ascendência paquistanesa, explica, a partir de um recorte de raça sobre as emoções, como o alinhamento poderoso entre raça, família e história, num país historicamente ariano como o seu, trabalha para a familiaridade da branquitude, tornando os não-brancos seres estranhos, “corpos deslocados”. Reconhecer e separar esses seres deslocados faz com que, a partir do argumento emocional, as pessoas sejam divididas entre “nós” e “eles” - discussão recorrente na análise da autora. Segundo Ahmed (2012) a hierarquização das emoções aparece tanto no paralelo entre razão e emoção, quanto na comparação entre emoções diferentes - algumas são consideradas elevadas e contam com intenso incentivo enquanto outras são interpretadas como sinais de fraqueza e inferioridade. Evolução seria sinônimo de razão. Nessa comparação, a suposta vitória da razão sobre a emoção, regida principalmente pelo controle dos sentimentos, é ponto central na narrativa contada sobre a evolução humana.

Para a autora, a análise das emoções sobre um sujeito ou um grupo perpassa claras relações de poder, que, nessa dicotomia do “nós” e “eles” dá valor e significado ao outro, ao diferente. A emocionalidade é reconhecida como característica apenas em alguns corpos, e para entender o porquê disso, Ahmed (2012) sugere que consideremos o caráter de moldagem e formação das emoções sobre os corpos. A partir do exemplo utilizado pela autora, para a Frente Nacional Britânica, partido político britânico da ultradireita, as emoções significariam um risco à seriedade e dureza da nação - um país sensível seria um país fraco. Há uma relação paradoxal nessa interpretação, pois, segundo Ahmed (2012), a reação negativa à presença dos outros, no caso desse partido, das minorias, é emocional. Reação também é emoção. Ou seja, a dureza, tão desejada pela direita ultraconservadora britânica, não significa a não-existência das emoções, significa apenas uma diferença no direcionamento das emoções em relação ao outro. O corpo branco, forte e impenetrável é, na verdade, moldado por suas reações - o ódio contra o outro faz com que este corpo se distancie e se destaque.

⁸ Termo cunhado pelo historiador William Reddy, em 2001, que descreve as formas que as emoções ultrapassam a individualidade e subjetividade e se tornam culturais.

Nós não devemos procurar por emoções “em” corpos suaves. As emoções moldam a superfície dos corpos, os quais tomam forma pela repetição das ações ao longo do tempo, assim como pelas orientações que os aproximam ou afastam dos outros. De fato, voltarmos para as emoções pode nos mostrar como todas as ações são reações, no sentido que o que fazemos é moldado pelo contato que temos com os outros. (AHMED, 2012, p. 04).⁹

Há, no estudo sobre as emoções, uma divisão entre teorias que discutem se estas estão ligadas, primeiramente, às sensações corporais ou à cognição. Segundo William James o qual Ahmed (2012) se contrapõe, a emoção seria a sensação de mudança corporal - ou seja, o sentimento, no corpo, seria anterior à cognição. Essa afirmação ignora os processos de avaliação, pensamento e atribuição de sentido que envolvem as emoções, uma vez que são reduzidas unicamente à sensação da mudança corporal - raiz da discordância de Ahmed. A visão cognitivista seria representada por Aristóteles e outros teóricos que o seguem, sugerindo que as emoções, na verdade, envolvem avaliações e julgamentos que não poderiam se reduzir somente às sensações corporais.

A partir do argumento de Descartes sobre as emoções - o qual Ahmed enxerga problemáticas, mas considera intrigante -, objetos não suscitariam emoções diferentes pela sua variedade, mas sim pela diversidade de formas que poderiam ajudar ou prejudicar alguém. Portanto, o que ditaria o amor ou ódio de um sujeito não seria o caráter bom ou ruim do objeto, mas se este poderia ajudar ou prejudicar o indivíduo de alguma forma. Segundo Ahmed (2012), alguns teóricos afirmam que Descartes reduz as emoções apenas às sensações corporais, uma vez que seriam causadas por objetos. Entretanto, para a autora, Descartes sugere que o nosso sentimento sobre um objeto não tem relação com a sua natureza, mas é moldado a partir do contato que temos com ele. Portanto, se amamos ou odiamos um objeto a partir do benefício ou prejuízo que ele oferece, nos ancoramos na forma em que esse objeto nos afeta, envolvendo avaliações e julgamentos, ao mesmo tempo que o nosso corpo é atingido por sensações.

O fato de algo causar sensações boas ou ruins envolve um processo de leitura na atribuição de significado. O contato envolve o sujeito, assim como as histórias que antecedem o sujeito. Se as emoções são moldadas a partir do contato com objetos, ao invés de serem

⁹ Texto original: “We shouldn’t look for emotions ‘in’ soft bodies. Emotions shape the very surfaces of bodies, which take shape through the repetition of actions over time, as well as through orientations towards and away from others.”

causadas pelos objetos, então as emoções não estão, simplesmente, ‘no’ sujeito ou no objeto. (AHMED, 2012, p. 06).¹⁰

Ahmed (2012) foca suas análises não necessariamente em o que as emoções são, mas no que elas fazem - para a autora, aí está a sua importância. As emoções nascem das relações e as regulam, orientando afastamentos ou aproximações entre os corpos. As emoções não seriam, portanto, anteriores ao contato, mas nasceriam dele, criando sentidos e estabelecendo limites entre o eu e o outro - o eu e o objeto de aversão ou aproximação. Traçando um paralelo com o argumento de Freire Filho (2017), que traz à luz a problemática dos estudos sobre emoção e comunicação focados somente no viés dos efeitos, Ahmed (2012) entende a mídia como fator central na discussão sobre as emoções, pois seria ela, unida a outros recursos, que contribuiria com a associação de certos signos a certos grupos. Portanto, a comunicação e a mídia entram no escopo das emoções, uma vez que têm papel fundamental na fixação de signos nos corpos. Os signos se “grudam” em certas pessoas, tornando-as “pegajosas”, termo utilizado pela autora para ilustrar como essas marcas têm grande aderência e aparência nesses corpos sinalizados.

As emoções têm sempre um alvo e se conectam com os indivíduos de maneira singular, obtendo um caráter de posicionamento e lugar no mundo. As emoções se moldam a partir de memórias e do contato com outros objetos e são consideradas relacionais por envolverem movimentações de aproximação e afastamento em relação ao outro. Portanto, para Ahmed (2012), as emoções devem ser entendidas e analisadas como traços sociais e culturais, não psicológicos.

1.2 Os sentimentos aversivos

Com uma análise orientada a partir de um ponto de vista ético, filosófico e principalmente cognitivista, Solomon (2008) considera as emoções hostis principalmente como julgamentos avaliativos resultantes de crenças e valores socialmente construídos e fortalecidos. Interpretar as emoções aversivas apenas como impulsos impensados tira a real complexidade que as envolve. Solomon descreve a capacidade das emoções a partir do seu

¹⁰ Texto original: “(...) whether something feels good or bad already involves a process of reading, in the very attribution of significance. Contact involves the subject, as well as histories that come before the subject. If emotions are shaped by contact with objects, rather than being caused by objects, then emotions are not simply ‘in’ the subject or the object.”

potencial de avaliar e conceituar o entorno, fundamentando seu caráter estratégico que articula diferentes formas de posicionamento no mundo. Dessa forma, intensificamos a complexidade das emoções, pois estas não, apenas, surgem e se encaixam em nossas vidas, mas as moldam a partir de seus julgamentos morais em relação às situações em que estamos inseridos, pessoas com quem nos relacionamos e as formas com que nos colocamos nos espaços.

A intencionalidade é fator central na discussão de Solomon (2008) sobre as emoções aversivas, uma vez que sem ela, nenhum sentimento ou impulso fisiológico pode ser considerado emoção. A construção social dos julgamentos avaliativos, que se desenvolve a partir de diferentes instituições sociais - mídia, escola, família, religião, estado - se caracteriza, principalmente, pela sua natureza implícita - os julgamentos que estruturam as emoções não são deliberados, feitos de forma pensada ou proposital. Mesmo que as emoções, construídas por esses julgamentos avaliativos, auxiliem na criação e manutenção de hierarquias, limites e, até mesmo, estereótipos raciais, não significa que sua expressão seja deliberadamente lúcida e monitorada, por isso a sua complexidade.

Imagine que você está descendo as escadas do lado de fora de sua casa ou apartamento. Você faz julgamentos a cada centímetro do caminho, mas, com certeza, não pensa sobre eles, muito menos os fala em voz alta para si mesmo, ‘agora, abaixe seu calcanhar direito um pouco mais.’ Depois de uma queda feia, você pode até fazer isso, mas no curso normal das coisas, não. Portanto, nós inconscientemente fazemos nossos julgamentos emocionais e temos nossas emoções, mas isso não significa que não há envolvimento do aprendizado e conhecimento detalhado sobre o mundo e nosso lugar nele. (SOLOMON, 2008, p. 206).¹¹

Partindo de uma análise mais superficial, a raiva, o ódio, a fúria e outras emoções aversivas podem parecer apenas estágios diferentes da mesma emoção, mas Solomon (2008) argumenta que essa conclusão enfraquece a reflexão sobre as estruturas avaliativas que constroem as emoções. Os sentimentos aversivos não se descreveriam pela sua intensidade e sim pelos julgamentos avaliativos que os constituem, estabelecendo diferentes relações entre sujeito e objeto. As formas de avaliação dos sentimentos hostis variam de acordo com a emoção suscitada, o ódio visa a aniquilação do objeto, o nojo o afastamento do objeto avaliado como inferior etc.

¹¹ Texto original: “Think about walking down a set of steps outside of your house or apartment. You are making judgments every inch of the way, but you certainly don’t think about them, much less deliberate or say to yourself, ‘now lower your right heel a little bit more.’ After a bad fall you might well do this, but not in the normal course of things. So, too, we thoughtlessly make our emotional judgments and have our emotions, but this doesn’t mean that doing this does not involve learning and detailed knowledge about the world and our place in it.”

Korsmeyer e Smith (2004) argumentam que a perspectiva cognitivista considera as emoções como facilitadoras da nossa interação com o mundo, através de construções morais e intencionalidade, destacando que elas não devem ser interpretadas como reações involuntárias e fisiológicas. A intencionalidade das emoções inscreve sua capacidade de direcionamento aos objetos - “fenômenos mentais como as emoções e as crenças, são ‘sobre’ algo; elas são ‘dirigidas para’ algum objeto, seja um objeto real, imaginário ou um estado desse objeto.” (KORSMEYER, SMITH, 2004, p. 10). A abordagem cognitivista, assim como dito em Solomon (1998), considera a racionalidade das emoções a partir de crenças estabelecidas, ou seja, o caráter cognitivo das emoções possibilitaria uma avaliação sobre quais emoções seriam coerentes em certas situações dependendo das crenças em questão. Crenças já estabelecidas garantiriam uma racionalidade e justificariam as emoções, dando confiança a uma possível tomada de ações.

A confiança em crenças possibilita diversos propósitos na teoria das emoções. Talvez como o mais importante deles, ela defende as emoções das alegações extremas de que elas não teriam um caráter epistêmico e que se tratam de episódios mentais irracionais e perigosos que tendem mais a distorcer que esclarecer o entendimento. (KORSMEYER, SMITH, 2004, p. 10).¹²

Em concordância com as análises de Kolnai sobre o nojo, partindo do pressuposto de sua carga moral, em “The Anatomy of Disgust”, Miller (1998) considera que, acima das suas relações com o paladar, olfato e tato, o nojo é um sentimento social e moral. O nojo agiria como uma ferramenta de motivação e confirmação dentro dos julgamentos morais, classificando pessoas e objetos. O nojo se convergeria numa aversão a objetos que parecem perigosos por sua capacidade de contaminação, infecção ou poluição por sua proximidade do sujeito (MILLER, 1998). Por ter um caráter fortemente corporal, afetando o corpo de forma tão clara, há certa resistência em considerar o nojo uma emoção. O nojo, assim como todas as emoções, seria mais que apenas um sentimento. O autor reconhece a proximidade entre emoção e sentimento, mas as diferencia a partir da ideia de que as emoções seriam sentimentos articulados social e culturalmente.

As emoções são sentimentos ligados às formas de falar sobre esses sentimentos, em relação a paradigmas sociais e culturais que dão sentido a esses sentimentos nos dando uma base

¹² Texto original: “The reliance on beliefs serves several purposes in emotion theory. Perhaps most importantly, it establishes grounds on which emotions can be defended against the extreme claim that they have no epistemic standing and are dangerous and irrational mental episodes that are more likely to distort than to clarify understanding.”

para saber quando eles são sentidos e expressados devidamente. As emoções, mesmo as mais viscerais, são socialmente, culturalmente e linguisticamente ricas. (MILLER, 1998, p. 08).¹³

Como discutido na primeira seção de referencial teórico, Miller (1998) considera o nojo, juntamente com outras emoções, ferramentas de grande importância política. As emoções trabalham para categorizar a ordem política, seja na manutenção da hierarquia ou estabelecendo padrões de superioridade. Pela sua natureza contaminadora, o nojo avalia negativamente o objeto que toca, tornando-o inferior. Atribuindo nojo a um objeto, atribuímos, também, um caráter não só de inferioridade, mas de possível perigo, resultando em uma exigência de afastamento - se algo me oferece perigo, eu tenho o direito à distância.

A articulação das emoções como ferramentas de importância política se relaciona com a consideração de Solomon (2008) sobre as emoções que entram no escopo do que ele chama de julgamentos de status. O desprezo, o ressentimento e o ódio são emoções hostis que entram nessa categoria de forma que abarcam implicações e consequências éticas além de se articularem a partir da visão do outro. O desprezo, na visão de Solomon (2008), sustenta uma relação de superioridade do sujeito com o objeto desprezado - há a necessidade de olhar o objeto de cima para baixo. Essa relação de superioridade, inclusive física, característica do desprezo, aparece também na associação do objeto com animais rasteiros, que vivem sempre abaixo de nós - verme, rato, barata etc.

Enquanto o desprezo olha seu objeto de cima para baixo, com o ressentimento seria o contrário, segundo Solomon (2008). A partir de Nietzsche, o autor explica que o ressentimento seria uma emoção dos fracos, atuando na defensiva e enxergando seu objeto, déspota, de baixo para cima. Para o autor, essas divergências entre desprezo e ressentimento não se tratam de simples diferenças de sentimento, mas de caráter ético, que traduzem, cada uma em um extremo, os julgamentos de status.

Já o ódio, na leitura de Solomon (2008), se trata de uma emoção de equidade - assim como o amor, o ódio procura o igual. Além disso, o ódio é uma emoção que serve como “fachada” para outros tipos de emoções negativas, que talvez sejam mal-vistas se admitidas. Entre os julgamentos que estruturam as nossas emoções, estão, portanto, os julgamentos de status, sejam eles morais ou sociais, que inscrevem uma relação de superioridade ou inferioridade baseando relações de poder e influência.

¹³ Texto original: “Emotions are feelings linked to ways of talking about those feelings, to social and cultural paradigms that make sense of those feelings by giving us a basis for knowing when they are properly felt and properly displayed. Emotions, even the most visceral, are richly social, cultural, and linguistic phenomena.”

Portanto, as emoções frequentemente incorporam inteligência moral e social e têm papel central nas nossas relações interativas. Podemos não querer dizer que todas essas comparações são ‘éticas’ naturalmente (in nature) (e elas também não precisam ser ‘morais’), mas o que deve ficar claro é que na perspectiva ética que eu defendo, questões de status não são nada mais que um ponto de indiferença avaliativa para nós. (SOLOMON, 2008, p. 212).¹⁴

Outro aspecto dos julgamentos avaliativos que envolvem as emoções descrito por Solomon (2008) é a distância emocional, que se manifesta tanto na expressão emocional quanto em comportamentos adjacentes que envolvem a emoção. No desprezo, há um afastamento do sujeito do objeto: acompanhado de uma expressão facial característica, geralmente o rosto se afasta e o nariz se empina. No amor, há a necessidade excessiva de contato físico, de estar perto. A raiva é mais curiosa, pois depende fortemente do contexto emocional que se aflora - em alguns casos ela promove um afastamento, em outros ela exige aproximação, como naqueles enfrentamentos “cara-a-cara”, ou no movimento de colocar o dedo no rosto do outro durante uma briga.

A complexidade das emoções não permite que elas sejam construídas exclusivamente a partir de um julgamento avaliativo, na maioria dos casos, elas abrigam dezenas de julgamentos convergentes. Algumas emoções só podem ser compreendidas a partir das singularidades de um contexto histórico e social - na leitura de Solomon (2008), o ódio, juntamente com a culpa, têm particularidades que exigem uma atenção ao contexto em que a emoção foi expressada. Portanto, a moralidade, responsabilidade, relações de distanciamento e status são apenas algumas das dimensões que estruturam as emoções.

Caracterizar as emoções será importante para a elaboração das categorias de análise das postagens do Twitter e para as reflexões sobre a construção dos corpos amarelos a partir das emoções aversivas. Outro autor que faz distinções entre as emoções hostis que instruem a análise é Kolnai (2007), que considera, de forma primordial, o ódio como uma inimizade, oposição ou rejeição - algo que causaria uma sensação negativa, remetendo, também, à raiva, antipatia, nojo, desprezo e rancor. Para o autor, é comum que utilizemos erroneamente o ódio para expressar sensações muito mais superficiais e imprecisas. O ódio é, acima de tudo, um sentimento caracterizado pelo envolvimento pessoal.

Eu posso muito bem odiar alguém que nunca cruzou meu caminho, nunca atrapalhou nenhum projeto meu, mas parece, para mim, encarnar uma forma de vida repulsiva e que

¹⁴ Texto original: “Thus emotions often embody moral and social intelligence and play a central role in our interactive relationships. We may not want to say that all such comparisons are “ethical” in nature (and they certainly need not be ‘moral’), but it should be clear that in the ethical perspective that I am advocating matters of status are anything but a matter of evaluative indifference to us.”

eu, em todo caso, senti, mesmo que periféricamente, sem nenhuma ameaça à minha pessoa, obter poder sobre. (KOLNAI, 2007, p. 140)

O ódio, indo de encontro com o desprazer, a raiva e o nojo, se trata de um posicionamento e resulta num caráter de representação da pessoa. Ao contrário dessas outras emoções aversivas, o ódio não pode ser sentido sem profundidade, ele é sempre um elemento essencial à vida, que ajuda a determinar a sua estrutura e representa uma experiência de inimizade importante para a história e representação do sujeito - nossos objetos de ódio falam muito sobre nós. O ódio pressupõe uma “tomada completa” do objeto, portanto, ele precisa ter alguma importância, significância, poder ou representar algum perigo. “O ódio só é um problema quando é possível falar de um ‘combate sério’, ou quando o encontro tem ligações históricas muito próximas com a relação hostil.” (KOLNAI, 2007, p. 141).

Para Kolnai (2007), o ódio só é possível em direção a um objeto que podemos imputar responsabilidade ética e deve ser diferenciado do medo. Diferentemente do objeto de ódio, o objeto de medo é indiferente - a sua importância está em que tipo de risco ele oferece a minha condição. O ódio se direciona à natureza do objeto, ou melhor, se relaciona com os efeitos que essa natureza tem sobre o sujeito que odeia. “O ódio não é direcionado à natureza em si ou às conexões causais, mas sim, a seu ‘papel histórico’” (KOLNAI, 2007, p. 142) - ele se relaciona com a tentativa de mudança do mundo que compartilhamos.

O desejo de aniquilação é característica principal do ódio. Kolnai (2007) coloca a neutralização, o banimento, a ruína e o assassinato como algumas das formas que esse desejo de aniquilação se traduz. Seria precipitado generalizar todas as relações de ódio e dizer que todas resultariam, ou pelo menos desejariam resultar, em aniquilação *física*. Às vezes, pode ser pior - em alguns casos nem a morte do inimigo é suficiente. De qualquer forma, uma intenção de aniquilação faz parte dessa relação, e matar, fisicamente, é apenas a forma mais clara e carnal de aniquilação, mas existem outras maneiras. “O ódio é direcionado aos *efeitos históricos de uma essência*, à existência de uma estrutura espiritual estabelecida.” (KOLNAI, 2017, p. 143). Ou seja, a dificuldade de aniquilação, que vai além do âmbito físico e migra para o campo ideológico e de memória, se estabelece na possibilidade da essência do objeto de ódio já ter se estabelecido - seja em nível global ou local.

Se o ódio visa a aniquilação do seu objeto, o medo exige apenas um afastamento, já que, segundo Kolnai (2017), o objeto do medo representa alguma ameaça tanto à sobrevivência e segurança do sujeito, quanto a algum interesse substancial seu, sejam suas posses, corpo ou status. O reflexo daquele que sente medo é fugir e se colocar ao máximo de distância possível do objeto temido com o objetivo de diminuir sua possibilidade de ação. A

estrutura do medo não se alteraria dependendo da preocupação do agente em relação a outros sujeitos - o medo é centrado em nós. A fuga do objeto não se restringe ao sentido espacial de viajar para longe, se afastar fisicamente do objeto, o que importa é a exposição do agente aos impactos possivelmente causados pelo objeto temido. “A fuga, portanto, mais evita um perigo iminente, que escapa de uma presença; o medo significa aversão de forma mais literal que o termo 'antipatia'”. (KOLNAI, 1998, p. 585).

Segundo Kolnai (1998), ao contrário do medo, que se relaciona diretamente com as consequências e impactos possíveis ao sujeito, o nojo está ligado à natureza imutável do objeto. Ainda de maneira oposta ao medo, que, em muitas vezes, se articula em uma situação específica, ou se agarra aos objetos dependendo de uma proximidade incômoda, o nojo se penetra no objeto e não se separa dele de jeito nenhum. Da mesma forma que quando sentimos medo, tendemos a fugir, quando sentimos nojo, também há essa tendência, só que de forma diferente. No caso do medo, o sujeito procura sair do “raio de ação” do objeto temido, já no caso do nojo, se objetiva, a partir da fuga, evitar um possível contato com o objeto, mais especificamente, um contato íntimo com possibilidade de evoluir para uma mistura.

Diferentemente do medo e o ódio, o nojo não atingiria um caráter existencial e profundo na vida do sujeito, resultando, por exemplo, numa fuga excessiva ou aniquilação do seu objeto de aversão. O sujeito que sente nojo se contenta com a eliminação do objeto apenas do seu campo de visão, a fim de evitar um contato. Importante frisar que mesmo se diferenciando do medo e ódio, o nojo ainda é uma emoção aversiva e, dependendo do contexto, pode evoluir para o desejo de destruição do objeto - até porque nós tememos o que nos enoja.

Uma das características mais próprias do nojo é a sua ligação com a estética. O adjetivo “nojento”, na visão de Kolnai (1998), é uma palavra que descreve e caracteriza o objeto de maneira muito efetiva - é mais fácil sentir e visualizar um objeto caracterizado como nojento do que um descrito como temível ou odioso.

O nojento é aquele que provoca o nojo primorosamente como uma resposta apropriada, ao passo que um objeto é ‘temível’ em virtude do medo atual ou potencial (antecipado) inspirado em nós (...). ‘O nojento’ é suscetível a uma descrição muito mais fenomenológica e auto-contida do que ‘o temível’ ou ‘o odioso’. (KOLNAI, 1998, p. 587).¹⁵

¹⁵ Texto original: “The disgusting is exquisitely what provokes disgust as a proper response, whereas an object is ‘fearful’ or ‘redoubtable’ (terrible) in virtue of the actual or virtual (anticipated) fear it inspires us, and - notwithstanding the presupposed primary disvalue of what we hate - our hatred goes to constitute the ‘odiousness’ of its intentional object. ‘The disgusting’ then is susceptible of a self-contained phenomenological description far more than either ‘the fearsome’ or ‘the odious’.”

Em Kolnai (1998), o nojo tem um caráter perfeitamente harmônico, uma vez que nós “flutuamos em uma náusea intimamente adaptada ao objeto que estamos intencionalmente - relutantemente, mas de alguma forma responsivamente - imersos” (KOLNAI, 1998, p. 590). Essa característica do nojo entra em contraste com o medo e o ódio, que são, de formas diferentes, fortemente existenciais e tendem a resultar em ações cruéis contra seus objetos, ao invés de se articularem a partir de uma simples rejeição.

Contextos culturais e históricos pressupõem um compartilhamento de valores morais entre grupos sociais. Voltando às considerações de Miller (1998), os traços culturais do local ditarão as formas com que o nojo opera. Culturas diferentes consideram diferentes objetos e costumes como nojentos. Para o autor, é dessa forma que marcamos quem são os “outros” - o nojo utilizado como ferramenta de regulação e construção cultural rende frutos diferentes dependendo do contexto. Essa marcação do “outro” a partir do nojo é bem presente, por exemplo, nas diferenças culinárias entre ocidente e oriente. É bem comum ouvirmos pessoas expressando nojo quando se referem a pratos asiáticos, principalmente do leste asiático, causando esse afastamento e inevitável superioridade do sujeito que se sente enjoado.

Miller (1998) explica que diferentes formas de falar sobre o nojo resultarão em diferentes formas de expressar o nojo sentido. Em algumas culturas, o nojo se aproxima mais do medo, em outras, ele se aproxima mais do ódio. Portanto, mesmo o nojo estando intrinsecamente ligado às noções de contaminação, poluição e infecção, ele atua como ferramenta de repressão ao mesmo tempo que é repreendido culturalmente.

O nojo parece estar intimamente conectado à criação da cultura; ele é tão peculiarmente humano que, como com a capacidade da linguagem, precisa de uma conexão necessária aos tipos de possibilidades sociais e morais que temos. Se você fosse casualmente enumerar as normas e valores, estéticos e morais, os quais a quebra incitam o nojo, você veria o quão crucial a emoção é para nos manter minimamente apresentáveis e na linha. (MILLER, 1998, p. 18).¹⁶

Uma vez que discorreremos sobre os discursos de ódio contra a população amarela, a análise de Ahmed (2012) sobre os corpos odiados se faz fundamental. Para a autora, seria necessário, primeiramente, refletir sobre a experiência do ódio. Em sua visão, o ódio se trata de uma emoção intensa que envolve a sensação de oposição de maneira quase sempre intencional e é sempre direcionada a algo ou alguém. Mesmo que primeiramente o ódio possa

¹⁶ Texto original: “Disgust seems intimately connected to the creation of culture; it is so peculiarly human that, like the capacity for language, it seems to bear a necessary connection to the kinds of social and moral possibility we have. If you were casually to enumerate the norms and values, aesthetic and moral, whose breach prompts disgust, you would see just how crucial the emotion is to keeping us in line and minimally presentable.”

se direcionar ao particular, esse direcionamento tende a articular o particular ao coletivo. Partindo do exemplo da autora, se alguém diz “eu te odeio por causa disto ou aquilo”, o “isto” e o “aquilo” remeterão, provavelmente, a um grupo de pessoas que se relaciona com o objeto odiado de alguma forma.

O ódio dá significados a um sujeito baseado em grupos que ele se encontra, criando uma relação entre o sujeito em si e uma versão imaginada deste. Ahmed (2012) explica que a vertente psicanalítica tenta desvendar o ódio a partir de um viés da projeção. Ou seja, o sujeito projeta tudo que considera desagradável no outro, enquanto esconde qualquer rastro seu dessa projeção, para que esse outro sujeito, o odioso, tome vida própria. Mesmo que faça sentido, a autora considera que esse viés da projeção assume um caráter expurgatório, no sentido de se movimentar apenas de dentro para fora - ou seja, não considera o surgimento das emoções a partir do contato e da relação com o objeto.

Embora exista, com certeza, uma verdade dentro dessa insistência (sentimentos ruins são cruciais aos modos de formação do sujeito), os sentimentos negativos ‘no interior’ também podem ser efeitos. A distinção entre o interior e o exterior pode ser afetada pelo ódio. Ao invés de assumir que o ódio envolve depositar o indesejável no sujeito para os outros, poderíamos perguntar: por que parece que o ódio vem de dentro e é direcionado a outros, que têm uma existência independente? (AHMED, 2012, p. 50).¹⁷

Ahmed (2012) descreve o ódio como ambivalente, uma vez que se trata de uma relação em que o sujeito enxerga tudo o que ele mais detesta no outro, mas ao mesmo tempo não consegue se desvencilhar deste. No ódio não há espaço para a indiferença, “onde há ódio, há, obviamente, uma necessidade excessiva do objeto” (AHMED, 2012, p. 51). Por não se relacionar com a indiferença, no ódio, o objeto faz diferença, mas não pode satisfazer o sujeito. Entretanto, a relação de ódio não se resume à significância do objeto na vida da pessoa - seria necessária uma relação destrutiva entre sujeito e objeto, o que ainda se trata de uma *relação*. Ou seja, para a relação destrutiva com o objeto se manter, seria necessária uma relação de conservação do objeto - o ódio depende de seu objeto para existir.

Para Ahmed (2012), as emoções seriam respostas à aproximação do outro. Entretanto, esses retornos não dependeriam das características inerentes ao outro - nós não respondemos com ódio ou amor porque o outro é amável ou odioso. Seria a partir dos encontros, das relações, que o sujeito enxerga no outro, características que o diferem do resto. Ahmed

¹⁷ Texto original: “Whilst there is of course a certain truth within this insistence (bad feelings are crucial to modes of subject formation), negative feelings ‘within’ might also be effects. The very distinction between inside and outside might be affected by hate. Rather than assuming that hate involves pushing what is undesirable within the self onto others, we could ask: Why is it that hate feels like it comes from inside and is directed towards others who have an independent existence?”

(2012) usa o forte relato de Audre Lorde, no qual a autora conta sobre um encontro que teve, ainda criança, com uma mulher branca no metrô indo para o Harlem. A mulher, que usava um chapéu de pele, comunicava seu horror em relação à pequena Audre a encarando e evitando encostá-la. Por conta de sua inocência infantil, Lorde imaginou que possivelmente houvesse algo entre as duas, causando essa aversão, talvez uma barata. A mulher não suporta a situação por muito tempo e se levanta, revelando que não havia nada entre elas, a não ser o ódio sentido pela madame.

Esse exemplo é muito bem colocado pois mostra não apenas como o ódio é uma emoção que parece ser separada do corpo, podendo se colocar no vão entre as duas, como uma barata, mas também como ele atua na superfície dos corpos. Portanto, para Ahmed (2012), corpos que, individualmente, se afastam, articulam a redefinição da integridade social e corporal. No relato de Lorde, a mulher branca personifica particularmente o corpo social, uma comunidade - as emoções fundamentariam a ameaça de invasão e possível perigo que o outro oferece ao sujeito, que representa os valores de um grupo. “Em outras palavras, o encontro de ódio alinha, não apenas o “eu” com o “nós” (o corpo branco, a nação branca), mas o “você” com o “eles” (o corpo negro, pessoas negras).” (AHMED, 2012, p. 53).

Ainda dentro do relato de Lorde, Ahmed (2012) discorre sobre a questão do odiado passar a se odiar. Na história de Audre, a barata, num primeiro momento, parece ser a causa do ódio. Entretanto, com o desenvolver da cena, pelo afastamento da mulher branca diretamente relacionado à Lorde, ela se torna o “algo” que causa incômodo, ela se torna a barata - a partir desse encontro, seu corpo ganha as mesmas qualidades aversivas de uma barata. Para Ahmed (2012), nem todos os corpos estão sujeitos ao ódio - cada encontro proporcionaria uma associação com histórias particulares anteriores, fazendo com que alguns corpos sejam compreendidos como mais odiosos que outros.

Na visão de Ahmed (2012), os corpos se organizam e reorganizam em função do reconhecimento do outro como “o odiado”. Para a autora, a recusa da mulher branca em encostar em Audre, uma criança negra, não significa simplesmente um apoio à expulsão de pessoas negras dos “ambientes brancos”, mas promove uma reforma naquele espaço social a partir do distanciamento do corpo branco.

(...) a pele é sentida como uma fronteira a partir da violência da impressão de uma superfície contra a outra. Desse modo, o ódio cria as superfícies dos corpos de maneira que estes são alinhados com e contra outros corpos. Como nós nos sentimos sobre os outros é o que nos alinha a um coletivo, que, paradoxalmente, ‘toma forma’ apenas como efeito

desses alinhamentos. É a partir da impressão que os outros deixam em nós que a pele do coletivo começa a tomar forma. (AHMED, 2012, p.54).¹⁸

1.3 Os incômodos na construção do sujeito asiático brasileiro

Se as emoções aversivas são construções estruturadas a partir de julgamentos avaliativos desenvolvidos e cristalizados durante a nossa formação, que contextos permitiram que a população asiática fosse alvo de sentimentos hostis? Como esses contextos afetam a visão das pessoas sobre a comunidade amarela até os dias de hoje? A seção a seguir, que é estruturada a partir dos trabalhos de Maria Rita Umeno Morita (2019) e Camila Aya Ischida (2010), discorrerá principalmente sobre como o contexto de imigração afetou, a partir de interesses políticos e econômicos, a imagem do asiático brasileiro, que teve sua construção a partir da criação e cristalização de estereótipos de raça que afetam a comunidade até os dias atuais.

A divisão de Ocidente e Oriente, para além das questões geográficas, se relaciona, também, com a divisão entre “nós” e “eles”, dentro de uma perspectiva ocidental. Constrói-se, portanto, segundo Morita (2019), uma figura imaginária para os povos do extremo oriente, que se diferenciam do “resto”. O termo “Perigo Amarelo”, que reapareceu agora com a pandemia da Covid-19, data, na realidade, do século XIII, a partir da invasão mongol à Europa, chamada de “o maior Perigo Amarelo na Idade Média”. O afastamento causado por esse perigo iminente do Oriente em relação ao Ocidente estrutura, até os dias de hoje, paradigmas que colocam o Oriente como algo a ser temido ou, pelo menos, controlado. O objeto de medo, para Kolnai (1998), oferece algum tipo de ameaça ao sujeito, seja sobre interesses pessoais seus, posses ou status. Definição essa que se relaciona com Morita (2019), que considera como parte do imaginário criado sobre o Oriente, o medo do avanço econômico e territorial chinês, que ameaçaria algum aspecto das vidas ocidentais.

Em sua chegada ao Brasil, os amarelos foram colocados como inferiores aos europeus, mas superiores aos africanos, fato que diz muito sobre a construção do asiático-brasileiro e suas relações tanto com a população branca descendente de europeus,

¹⁸ Texto original: “ (...) the skin comes to be felt as a border through the violence of the impression of one surface upon another. In this way, hate creates the surfaces of bodies through the way in which bodies are aligned with and against other bodies. How we feel about others is what aligns us with a collective, which paradoxically ‘takes shape’ only as an effect of such alignments. It is through how others impress upon us that the skin of the collective begins to take shape.”

quanto com a população negra, descendente de africanos. Não é difícil nos depararmos com discursos que consideram os amarelos, principalmente japoneses aqui no Brasil, como imigrantes melhores que os africanos, comparação brutalmente precipitada, já que a “imigração” africana não se aproxima nem um pouco das condições da imigração nipônica, que, de fato, se tratou de um movimento migratório arbitrário. Mesmo que o fluxo de imigração asiática tenha se iniciado em 1908, a ideia de trazer pessoas do leste asiático já era considerada opção desde o final do período colonial, como estratégia para a “desafricanização” do Brasil. A lógica embranquecedora na qual o Brasil se constrói invade todos os âmbitos dos corpos e vidas de africanos e seus descendentes, evoluindo para uma escala de beleza física que, numa estratégia hierárquica, colocou os corpos racializados amarelos abaixo dos europeus, mas acima dos africanos e indígenas brasileiros.

O desenvolvimento do cultivo de café no Brasil a partir dos anos 1800 exigiu grande volume de mão-de-obra. Dessa forma, segundo Morita (2019), como a força de trabalho amarela, principalmente chinesa, já havia sido testada anteriormente em algumas fazendas de café e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, os acordos entre Brasil e China se movimentaram para o envio de imigrantes que trabalhassem nas lavouras. O rápido desenvolvimento da produção cafeeira no Brasil exigiu mão de obra em grande quantidade e com urgência, para que a substituição do trabalho feito pelas pessoas escravizadas fosse efetiva. E mesmo que se já estudassem possibilidades de tratados e acordos que enviassem mão-de-obra chinesa e japonesa, foram priorizados, primeiramente, os imigrantes europeus, já que a população amarela-asiática dificultaria o objetivo de embranquecimento do povo brasileiro.

Oliveira Viana, apostando que o ‘aumento do quantum ariano há de fatalmente reagir sobre o tipo antropológico dos nossos mestiços, no sentido de modelá-los pelo tipo do homem branco’ (VIANA apud NASCIMENTO, 2017), alerta sobre o perigo de o brasileiro se misturar às pessoas de origem asiática, em suas palavras, ‘o japonês é como enxofre: insolúvel’. (VIANA apud TAKEUCHI, 2008). (MORITA, 2019, p. 45).

A questão de aceitar ou não o grande fluxo migratório de asiáticos no Brasil passou por algumas disputas de interesses. Os imigrantes asiáticos foram aceitos legalmente no Brasil apenas por sua força de trabalho, visto que, anteriormente, sua entrada era proibida nos mesmos termos que a imigração de africanos. Segundo Morita (2019), essa proibição gerou certa revolta entre grandes grupos de fazendeiros de café, que viam a população asiática como raça inferior, possibilitando condições de trabalho análogas à escravidão. Dessa forma, a partir da proposta conveniente de pagar salários baixíssimos aos trabalhadores chineses e

japoneses, o presidente da época, Floriano Peixoto, sancionou a lei 97 de 5 de outubro de 1892, que permitia a imigração de asiáticos no Brasil.

Por ter sua entrada no Brasil diretamente ligada às questões de trabalho, o tipo racial definido como sujeito amarelo se relaciona com os estereótipos de obediência, vocação para o trabalho e mansidão. O período pós-colonial brasileiro foi fortemente marcado pela intenção de branqueamento da população, o que levou a um incentivo forçado de miscigenação entre a população amarela e branca que articula os códigos de embranquecimento do imigrante japonês a partir de sua chegada. Segundo Morita (2019), permanecer no Brasil não fazia parte dos planos iniciais dos imigrantes japoneses. As campanhas da Companhia de Imigração eram fortíssimas e se focavam principalmente na fertilidade e fartura brasileiras. Essa campanha voraz unida à extrema pobreza de parcela da população fez com que muitos japoneses casassem, apenas legalmente, para preencherem os requisitos da Companhia de Imigração que exigia, no mínimo, três possíveis trabalhadores.

Para Morita (2019), dentro desse contexto de imigração, a estruturação das famílias de imigrantes japoneses se baseou essencialmente nas noções tradicionais de linhagem e trabalho, a fim de garantir certa ascensão. “Para praticar o conjunto da realidade a que passou a pertencer o corpo imigrante é preciso praticar os signos postos no novo território” (MORITA, 2019, p. 56). A ideia principal seria incorporar certos comportamentos a partir do reconhecimento de signos socializados dentro do contexto de imigração, ou seja, portar-se da forma “correta” dentro de um padrão explicitado pela circunstância. E essa circunstância exigiria resistência mental e física para aceitar e passar pelas situações difíceis do trabalho e da nova vida em um país tão distante, visto que discordâncias e contestações poderiam colocar em risco a sobrevivência e permanência de famílias inteiras.

A perspectiva de viver o melhor possível, já que viu-se não haver condições do retorno físico da diáspora nipônica, o *gambarê* é acionado na rede de relações que partilham a mesma casa e os mesmos descendentes (*ie*), aceitando mentalmente o presente contexto (*gaman*) como via de permitir que os signos, práticas e relações dele comuniquem aos seus corpos (*enryo*) as ações que se desdobram e realizam a situação no corpo e o corpo na situação (*tatema*). (MORITA, 2019, p. 57)

Todo esse conjunto de comportamentos adaptados ao contexto de imigração constroem a ideia de minoria modelo que, para Morita (2019), se trata da construção do sujeito racial amarelo como trabalhador e dócil. A minoria modelo serve, também, para um sistema de vigilância de outros grupos raciais não-brancos. A população amarela, portanto, tão esforçada e simpática serviria de exemplo de comportamento para outros grupos de

imigrantes racializados. Exemplo claro desse estabelecimento do conceito de minoria modelo está em uma frase proferida por Jair Bolsonaro em uma palestra na Hebraica do Rio de Janeiro¹⁹ em 2017, em que ele diz: “Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara!”. Essa problemática frase não só cristaliza antigos estereótipos sobre o asiático dócil e esforçado, como, também, compara o “exemplo japonês” com outros grupos racializados que compõem a diversidade brasileira, como a população negra e indígena, por exemplo.

(...) nipobrasileiros são uma minoria étnica cuja categoria como minoria está em constante negociação com a categoria de sujeito negro, como se as pessoas negras atingidas pela desigualdade não tivessem se esforçado com docilidade e obediência como os japoneses o fizeram. (MORITA, 2019. p. 58 e 59).

Segundo Ischida (2010) as manifestações antinipônicas durante a época da imigração japonesa se caracterizam pelo incômodo estético que o japonês provocava - seu porte pequeno e feiúra eram desagradáveis. Na edição 0325²⁰ de 1908 do jornal carioca “O Malho”, há um texto sobre a imigração japonesa que diz o seguinte: “A diferença principia pelo physico do nippão. Na sua confecção, a mãe... Natureza descuidou-se bastante, apresentando um typo que está longe de se parecer com o modelo estabelecido pela Santa Madre... Esthetica!”. Até mesmo os que defendiam a imigração japonesa lamentavam o fato da população nipônica não ser a das mais harmoniosas fisicamente.

As marcas fenotípicas do corpo japonês, mas, asiático, em geral, tornam-se sinais de ódio, nojo ou chacota, tanto no contexto de imigração japonesa no início do século XX, quanto nos dias atuais. Articulando com o argumento de Ahmed (2012), o corpo odiado por outros, uma hora começa a se odiar. E no caso dos traços asiáticos, tão incômodos, há, hoje em dia, diversas alternativas para quem quiser “suavizar” essas marcas fenotípicas - se meus traços causam ódio ou nojo nos outros, e, a partir de Ahmed (2012), me afetam também, mudar precisa ser uma opção. Para aqueles, ou, principalmente, aquelas que preferem algo menos invasivo, uma espécie de fita adesiva - muito vendida no Bairro da Liberdade, em São Paulo - pode ser colada nas pálpebras a fim de criar a tão desejada “dobrinha” ocidental. Para aquelas que preferirem algo definitivo, existe a cirurgia de ocidentalização, que promete, com possibilidade de duas técnicas diferentes, criar o sulco nas pálpebras.

¹⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jKQdD5iUmDo&ab_channel=CANALdoALONSO
Acesso em: 23/11/2022

²⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20190&pesq=immigra%C3%A7%C3%A3o%20japoneza&pagfis=12668>
Acesso em: 23/11/2022

No Japão, em 2019, a cirurgia de ocidentalização foi a mais feita, segundo relatório²¹ da International Society of Aesthetic Plastic Surgery, somando mais da metade de todos os procedimentos estéticos feitos no país naquele ano. Na Coreia do Sul, as cirurgias de ocidentalização já evoluíram para implantes no nariz e no queixo, a fim de ângulos menos arredondados e mais ocidentais, chegando até em procedimentos para mudar a curvatura das pernas.

Para Ischida (2010), esses incômodos atuais e tentativas de suavização dos traços fenotípicos asiáticos são resgate de um discurso passado que, através de piadas, charges, caricaturas e discursos políticos, criticavam e ridicularizavam o tipo físico japonês. Além disso, na visão da autora, há, nessas cirurgias de ocidentalização, um caráter que remete aos projetos de eugenia do início do século XIX, que defendiam uma raça melhorada, ou seja, mais próxima possível do padrão branco europeu. “Se a mistura com o branco era capaz de diluir certos traços das ‘raças inferiores’, a cirurgia estética hoje pode se ocupar desse objetivo.” (ISCHIDA, 2010, p. 117).

²¹ Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>
Acesso em: 23/11/2022

2. METODOLOGIA

Para refletir sobre o papel das emoções aversivas na construção de corpos asiáticos, separamos a pesquisa em dois momentos. Em um deles ocorrerá a análise de tuítes que contenham algum tipo de manifestação hostil contra pessoas amarelas e no outro há o foco da corporalidade nas relações de ocidentalização e mudança de traços raciais, a partir da análise de três objetos principais: os discursos de médicos que justificam a cirurgia de ocidentalização dos olhos; tuítes sobre o procedimento da ocidentalização das pálpebras; o caso da influencer Oli London que passou por dezenas de intervenções cirúrgicas para se “orientalizar”; matérias jornalísticas que abordem essa mudança de traços fenotípicos.

Segundo o relatório anual de procedimentos estéticos da ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgeries) de 2019²², do total de 249.543 cirurgias estéticas realizadas no Japão, 150.589 foram cirurgias nas pálpebras - o que representa 60,3% de todos os procedimentos feitos no país naquele ano. Os dois momentos de análise são duas dimensões de produção dos corpos amarelos pelo discurso, tanto o das redes sociais, quanto o dos médicos. Os discursos racistas que tornam as marcas características do sujeito asiático em objeto de medo, ódio, nojo ou ressentimento, são grandes contribuintes para o *boom* das cirurgias de ocidentalização entre o público asiático. Se na época da imigração japonesa no Brasil os discursos anti-nipônicos eram expressos em jornais impressos e cartazes do governo, hoje as mensagens hostis contra a população amarela ocupam *timelines* pela internet.

O Twitter foi escolhido principalmente por três razões: abrigar um grande número de usuários - em janeiro de 2021 a plataforma contava com 69.3 milhões de frequentadores ativos²³, ser um espaço conhecido pelas discussões e manifestações políticas e de raça, e pela facilidade do mecanismo de busca por termos específicos ou *hashtags*. Ao colocar qualquer termo na barra de pesquisa do Twitter, o site oferece a opção de filtrar as postagens a partir de um critério de popularidade - colocando os tuítes com mais interações em evidência -, temporalidade, colocando os tuítes mais recentes no topo da página, e de formato, mostrando

²² Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>

Acesso em: 23/11/2022

²³ Os Estados Unidos, Japão e Índia representam os três países com mais usuários ativos no Twitter. Números disponíveis em:

<https://financesonline.com/number-of-twitter-users/#:~:text=Demographics%2C%20Breakdowns%20%26%20Predictions-Number%20of%20Twitter%20Users%202022%2F2023%3A%20Demographics%2C%20Breakdowns%20%26,the%201st%20quarter%20of%202019.>

Acesso em: 23/11/2022

apenas os vídeos e fotos que contenham as palavras pesquisadas na legenda. A pesquisa por termos específicos resulta em dezenas de manifestações que expressam especialmente as emoções de nojo, ódio e ressentimento, principalmente associadas à culpabilização da China pela pandemia do Covid-19.

A coleta dos tuítes foi feita de forma exploratória, coloquei os termos “asiático/chinês/japonês nojento; ódio asiático/chinês/japonês; asiático/chinês/japonês feio; raiva asiático/chinês/japonês; na barra de busca do Twitter e a partir disso selecionamos os que pudessem contribuir com a pesquisa, ou seja, aqueles que expressassem alguma emoção hostil. Após a pesquisa, constatamos que ódio e nojo são as emoções aversivas mais suscitadas nos tuítes e decidimos, portanto, focar nelas. Alcançamos um número de 18 tuítes até que as declarações começassem a saturar, se repetindo entre as emoções descritas. Após o primeiro contato com o material, que proporcionou uma análise geral da coleta, uma grade de análises foi criada para separar as emoções descritas. Essa grade conta com as seguintes divisões: print do tuíte; qual emoção aquela declaração expressa relação do tuíte com as dimensões de crença, atitude, status ou valor; que corpo é atacado na declaração.

Após a organização dos tuítes na grade de análises, para termos um panorama geral sobre as emoções hostis mais expressadas contra a população amarela no Twitter, os relatos foram interpretados a partir das considerações sobre medo, ódio e nojo encontradas nos trabalhos de Kolnai (1998, 2017), Ahmed (2012), Miller (1998) e Solomon (2008). O argumento de Ahmed (2012) sobre as marcas do corpo racializado odiado por terceiros que se desenvolve numa insatisfação e ódio próprio se relaciona com a segunda parte da pesquisa sobre as cirurgias para ocidentalização das pálpebras.

Para essa segunda parte, analisamos alguns textos de sites de cirurgiões plásticos que explicam e justificam a cirurgia de ocidentalização de rostos asiáticos. A maioria das explicações sobre essa cirurgia colocam os traços asiáticos como achatados, inexpressivos, anti-harmônicos e, principalmente, diferentes - características que clamariam por um procedimento cirúrgico. A cirurgia de ocidentalização carrega, já, em sua nomenclatura, uma tentativa de apagamento, ou, como dito em alguns sites médicos, harmonização, dos indesejáveis traços asiáticos. A busca incessante por esse tipo de procedimento principalmente no Brasil, Japão e Coréia (na Coréia os procedimentos já “evoluíram” para implantes faciais e tentativas de mudar a curvatura das pernas), revela a naturalização de um padrão estético racista que torna sinais fenótipos característicos em marcas de aversão, tanto externa quanto interna.

Voltamos ao Twitter na segunda seção de análise para investigar sobre o que se diz na rede social sobre a cirurgia de ocidentalização dos olhos. Colocando o termo na barra de pesquisa do Twitter, três resultados principais aparecem: pessoas amarelas desejando pelo procedimento, clínicas de estética vendendo a intervenção e entusiastas da cultura sul-coreana demonstrando indignação com a cirurgia, em um movimento de celebração da estética leste asiática. Em articulação com essa celebração que, nesse caso, se torna obsessão e fetichização, analisei uma matéria que conta a história de uma influencer inglesa que após passar por mais de 32 cirurgias para se parecer coreana, hoje diz se considerar uma pessoa transracional. Os últimos objetos de análise escolhidos foram duas matérias encontradas a partir da pesquisa pelo termo “cirurgia de ocidentalização dos olhos” no Google Notícias, a fim de obter um panorama sobre como a imprensa trata deste assunto. “O mais natural possível” e “Ser quem eu sou: veja quem usa a maquiagem para o autoconhecimento” são as manchetes das duas matérias que, mesmo com angulações e propostas muito distintas, acabam pecando em questões análogas. A próxima seção apresenta os resultados das análises.

3. ANÁLISES

3.1 Expressões de hostilidade emotiva e tentativas de aniquilação no Twitter.

A partir da descrição das emoções hostis feita pelos autores do referencial teórico deste trabalho, ódio e nojo parecem ser as mais presentes na pesquisa exploratória feita no Twitter. Todos os tuítes desta seção de análise, sem exceção, são de contas ativas no mínimo até o mês de setembro de 2022. Dos 18 tuítes analisados, apenas dois contaram com respostas críticas apontando o cunho racista e xenofóbico colocado. De modo geral, o ódio nos tuítes se articula principalmente em razão da culpabilização da China pela pandemia da Covid-19. O nojo se relaciona mais com os costumes e estigmas culinários leste-asiáticos, pressupondo, na maioria das vezes, uma falta de higiene dessa parcela da população. A aversão em relação aos traços fenotipicamente asiáticos que, nesses tuítes são colocados como “feios”, se misturam entre ódio e nojo, a partir das definições dos autores do referencial.

A maioria dos tuítes não se delongam, são declarações taxativas e sucintas. Nenhum deles estava associado a nenhuma *hashtag* ou se tratava dos clássicos “fios” do Twitter, que, com um tom mais explicativo e completo, são tuítes que excedem o número de caracteres possível e têm continuidade nos comentários. O frequente tom de piada nas ofensas e a despreocupação com o anonimato demonstram como a discussão sobre o racismo contra pessoas amarelas ainda engatinha aqui no Brasil. Ataques à população chinesa e japonesa são mais frequentes, devido ao forte fluxo migratório vindos desses países, que se inicia em 1900, se fortalece pelos anos 1940 e se estende até hoje. Como explicado por Morita (2019), a visão ocidental do oriente foi construída a partir de muitos estigmas de perigo e exotismo, que não se restringiram apenas àquela época de adaptação e primeiros contatos com a população leste-asiática. Os ataques à população chinesa apareceram como os mais frequentes na pesquisa, e são associados, principalmente, às diferenças culturais e políticas da China em relação ao Brasil.

As únicas contas que foram repreendidas por declarações ofensivas, racistas e xenofóbicas nos comentários, foram as duas com mais seguidores que apareceram na análise. Uma delas é a de Fábio, que, segundo consta na sua *bio*, é de São Paulo - SP e reúne mais de 45 mil seguidores no seu perfil no Twitter, sendo um deles, inclusive, o apresentador global Serginho Groisman. Assim como a maioria dos autores dos outros tuítes analisados, Fábio não se utiliza do recurso do anonimato que a internet possibilita, pelo contrário, sua foto de perfil bate com o homem que aparece no link do Facebook que ele mesmo informou na *bio*

de seu perfil no Twitter - ele definitivamente não está tentando se esconder. E não é só o Fábio (Figura 01) que não está tentando se esconder atrás de um avatar e um nome inventado - outros três autores de tuítes da análise também colocaram nas suas *bios* do Twitter o link de seus Instagrams, todos perfis abertos. Não há indícios de que os perfis sejam falsos - as fotos correspondem entre si, o número de seguidores e pessoas seguindo não apresenta nada de incomum e as publicações têm comentários recorrentes - mas não há como afirmar absolutamente a veracidade destes.

Diferentemente dos dois tuítes que foram criticados, nenhum dos outros recebeu algum tipo de resposta que criticasse o conteúdo problemático (e até criminoso) explicitado na timeline da rede social, os comentários demonstram apenas uma concordância entre os usuários - que pessoas amarelas são dignas de nojo e ódio.



Figura 01

A partir da Figura 01 é possível perceber essa mescla constante da expressão de ódio e nojo com questões políticas chinesas. Como dito acima, a pandemia do Covid-19 é o centro dessa declaração que coloca o chinês como “bicho nojento que trata qualquer coisa que se mexa como comida (...)”, o que reforça estereótipos que enxergam algo essencialmente nojento na população chinesa e, além disso, categoriza o chinês como um ser de outra espécie - uma espécie nojenta. Ao chamar o chinês de "bicho", o autor cria um afastamento típico do nojo, emoção de status, que coloca o interlocutor acima de seu objeto. Finalizando sua declaração com “só o Trump o fará e será chamado de ‘fascista’”, o tuíte ainda resgata a ideia do “Perigo Amarelo”, em que o Ocidente precisa controlar o Oriente para o bem geral. Esse exemplo se articula com o argumento de Miller (1998) de que o nojo seria uma importante ferramenta política, visto que classifica pessoas e objetos negativamente, mantendo uma ordem interessante para pequenas parcelas da população.

Atribuir nojo a um sujeito ou objeto, a partir da discussão de Kolnai (1998) exige que este corpo tenha algum fator percebido como nojento em si, que faça parte da sua natureza. O nojo se agarra ao seu objeto e não se separa dele de jeito nenhum, criando um corpo contagioso e, conseqüentemente, perigoso. Como é possível perceber na Figura 02, o corpo visto como nojento tem em si o nojo de maneira tão intrínseca que às vezes seria até difícil explicar o motivo desse sentimento. Dizer que “chinês é nojento fazendo qualquer coisa” relata exatamente essa essência nojenta sem especificidade de porquês do corpo aversivo. Em uma relação que se retroalimenta, essa falta de pontuação dos porquês do corpo aversivo fortalece a inferiorização do objeto nojento, a sua própria inferioridade seria motivo de nojo - o objeto é inferior porque é nojento e é nojento porque é inferior.



Figura 02

Neste caso, o autor do tuíte retuitou o vídeo de um homem coreano (e o apontou como chinês) comendo muitos sorvetes de uma vez só e o classificou como nojento. O ponto principal aqui é o trecho “(...) fazendo qualquer coisa”, que, seguindo o argumento de Kolnai colocado acima, não dá possibilidade de desvencilhamento do nojo do sujeito. Literalmente não importaria o que ele fizesse, continuaria a ser nojento simplesmente por ser “chinês”. O nojo aparecer como uma das emoções aversivas mais frequentes nas pesquisas reflete uma cristalização de estereótipos racistas que apontam o sujeito leste-asiático como sujo, nojento, de costumes “exóticos” e prioridades deturpadas, criados principalmente durante a grande imigração asiática ao Brasil que procurava categorizar e classificar a população amarela recém chegada.

O argumento de Solomon (2008) sobre as emoções serem estruturadas por julgamentos avaliativos que se baseiam em crenças e produzem atitudes pode se relacionar com o tuíte da Figura 03. A crença de que muitos salgados “de japonês” são “porcos”, causa nojo na interlocutora que tem como atitude evitar o consumo destes. As atitudes expressadas a partir de uma emoção hostil podem ajudar no reconhecimento de qual emoção está sendo exteriorizada. Este tuíte se alinha com a definição de Kolnai (1998), que argumenta que o nojo, mesmo sendo uma emoção aversiva, promove, principalmente, uma rejeição e um afastamento do objeto, ele não precisa, necessariamente, ser aniquilado - como ocorre com o objeto do ódio.

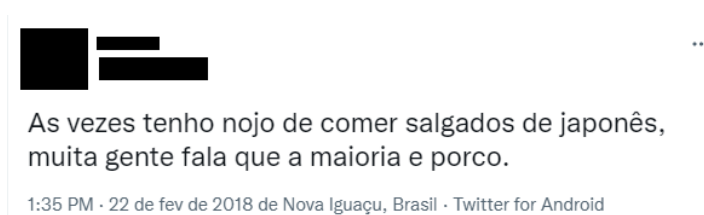


Figura 03

A participação da mídia na construção de estereótipos que suscitam certas emoções, nesses casos, aversivas, fica clara no tuíte da Figura 04, feito pela página oficial no Twitter do G1, um perfil verificado e que conta com mais de 14 milhões de seguidores. A declaração, que data de setembro de 2020, continua no ar e recebeu diversas críticas justamente por seu cunho racista e xenofóbico. Aqui, a suscitação do nojo é clara, uma vez que associa um prato amplamente consumido pela comunidade japonesa com muco e algo que cheira mal. Retuítei este tuíte na época em que ele foi feito, o criticando e me surpreendi com o fato deste ainda estar disponível - fato que comprova a falta da problematização de declarações como esta. Se o maior veículo jornalístico do país faz essa associação de nojo a mantém, mesmo depois de anos e de tantos comentários, significa que a discussão não tomou as proporções necessárias.



Figura 04

Felizmente não são poucos os comentários que repreenderam a chamada infeliz do G1, mesmo que não sejam suficientes para alguma mudança. Diversos usuários fizeram comparações de como seriam as manchetes sobre o queijo ou o leite, por exemplo. Por que o queijo e o leite, que também são fermentados e têm cheiro forte, não são tratados dessa forma? Trata-se de uma herança cultural que colocou o Oriente sempre como temível, exótico e digno de distância, que, se expressados como nojo, são naturalizados e retirados da esfera ética e política. Assim, essa aversão não seria resultado de décadas de construção e cristalização de visões depreciativas do oriente, mas reações naturais sobre certos costumes vistos como inapropriados em um contexto ocidental. Articulado com Ahmed (2012), quando transformadas em afetivas, as hierarquias sociais tornam-se permanentes. São vários e ainda recorrentes os momentos em que a grande mídia brasileira trabalhou pela cristalização de estereótipos de raça que colocam o sujeito amarelo como nojento, estranho e cômico.

Como é possível observar nas Figuras 05 e 06, diferentemente do nojo, o ódio visa, principalmente, o extermínio do seu objeto. Matar, bater e agredir foram as formas de aniquilação mais presentes nos tuítes analisados. Aqui ocorre, mais uma vez, uma culpabilização generalizada da China pela pandemia da Covid-19 - em questão do ódio esse foi o tema mais popular. Importante ressaltar que foi a naturalização e, conseqüentemente, a popularização desse tipo de discurso que endossou o crescimento alarmante principalmente de assédio verbal e violência física contra a população amarela durante os anos de 2020 e

2021²⁴. O tuíte da Figura 07 se encaixa bem com as definições de ódio de Kolnai (1998), uma vez que associa o objeto de ódio às pragas. Ao caracterizar mendigos e japoneses como “pragas” a aniquilação do objeto torna-se presente. As pragas são seres que não só queremos distância, mas visamos o extermínio, não há possibilidade de dividirmos espaço com uma praga - sou eu ou ela.



Figura 05



Figura 06

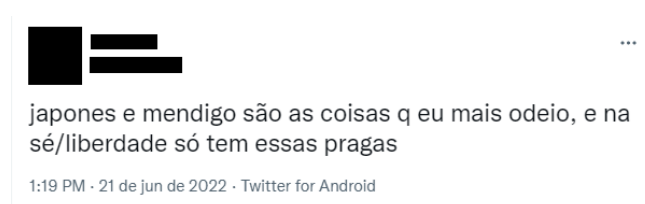


Figura 07

O ódio, na visão de Kolnai (1998), é uma emoção que mesmo sendo de oposição, representa equidade - a aniquilação como objetivo principal pressupõe um envolvimento pessoal do sujeito com o objeto. O autor descreve o ódio como uma emoção essencial à vida,

²⁴ O relatório da “Stop Asian Hate” revela o aumento dos ataques à população amarela durante os anos de 2020 e 2021, principalmente em decorrência da pandemia da Covid-19. Disponível em:

<https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/05/Stop-A-API-Hate-Report-National-210316.pdf>

Acesso em: 23/11/2022

que descreve um posicionamento no mundo, representação do sujeito e não pode ser sentido de forma superficial. O tuíte da Figura 07 se relaciona diretamente com a ideia principal do ódio, a de que “este mundo é pequeno demais para nós dois”, por isso sua necessidade de aniquilação, seja ela física ou simbólica. O comprometimento com o ódio é outra particularidade descrita por Kolnai (1998) que demonstra o quanto essa emoção se relaciona com ideais de mundo e vontade de mudança deste - elimino meu objeto de ódio pela melhora do mundo que dividimos.

Segundo Benítez, Gadelha e Rangel (2021), o desprezo e a humilhação, junto com o nojo, seriam marcadores importantes de desigualdade social, uma vez que as hierarquias de gênero, raça e classe são criadas e fortalecidas a partir de práticas humilhantes que rebaixam a quem precisa ser rebaixado para a cristalização das relações de poder. A humilhação e o desprezo, na interpretação dos autores, se relacionam com os efeitos que outras emoções, como o ódio, o medo, a raiva, ou até mesmo o desejo, criam na relação sujeito-objeto - podemos expressar ódio por um objeto o desprezando.

Ao colocar os termos “japonês” e “vestibular” juntos na barra de pesquisa do Twitter, os resultados são os mais diversos. Nesses tuítes, assistimos a, mais uma vez, um reforço de estereótipos do “japonês esforçado e estudioso”, que, segundo argumento de Morita (2019), são resultado da construção do sujeito amarelo brasileiro a partir das vivências e contextos da imigração. Além disso, as declarações expressam, principalmente, medo, ódio, ressentimento e desprezo. O sujeito amarelo é colocado mais uma vez como ameaça, seja nas dimensões de medo ou ódio. Numa articulação análoga à apresentada acima, aqui, o ressentimento aparece combinado com o ódio, uma vez que a “solução” encontrada pelos interlocutores é de aniquilação, como é possível observar na Figura 08. Assim como podemos desprezar o nosso objeto de ódio, o autor do tuíte da Figura 08, ao mencionar a eliminação física, odeia aquele que o ameaça e que lhe causa medo ou ressentimento. A humilhação e o desprezo seriam emoções que se articulam mutuamente e se relacionam com diversas outras emoções, principalmente em seus efeitos. As formas que as emoções hostis se articulam em direção a seus objetos é um dos principais focos desta pesquisa, e nesses casos de ressentimento e humilhação em questão, a agressão física e eliminação são as mais frequentes.



Figura 08

Por tratar do ódio a partir de uma ótica principalmente racial, nos aproximando do objeto odiado, Ahmed (2012) demonstra como as marcas de ódio deixadas pelos outros fazem com que o corpo odiado passe a se odiar. Como já dito no referencial teórico, a partir de Ischida (2010), a estética asiática foi um grande incômodo desde o início da imigração asiática no Brasil. Os olhos puxados, o tronco alongado, os cabelos lisos e grossos, os rostos mais arredondados e a estatura mais baixa eram e são vistos até hoje, como é possível observar nas Figuras 09 e 10, como marcas indesejáveis. “Feio” é a palavra utilizada para descrever pessoas asiáticas em ambos os tuítes. De caráter também objetificador, o tuíte da Figura 09 apresenta claramente um posicionamento também racista, onde apenas os traços asiáticos diluídos por outra raça seriam considerados bonitos.

O tuíte da Figura 10 conta, mais uma vez, com a confusão (ou falta de interesse, mesmo) na hora de diferenciar japoneses de chineses e coreanos. Os *idols* são os ídolos do pop-coreano que fizeram sucesso mundial principalmente a partir de 2013 e 2014. No tuíte, a autora se pergunta o porquê de japoneses serem tão feios enquanto os *idols* são bonitos - pelo que parece, considerando os *idols* coreanos como japoneses. Como já dito, a Coréia do Sul é campeã em cirurgias estéticas que buscam a ocidentalização do paciente e os *idols* de *k-pop* são peças fundamentais para a popularização destes procedimentos. Há toda uma comoção sobre as cirurgias feitas pelos ídolos de *k-pop* - são raríssimos os que nunca se submeteram a alguma intervenção estética. Neste tuíte, a autora categoriza como feios os japoneses comuns, pois faz uma exceção em relação a alguns atores, e como bonitos, os *idols* coreanos. Ou seja, se relacionando com o tuíte da Figura 09, diluindo os traços asiáticos odiosos em uma mistura com a estética ocidental, seja ela a partir da miscigenação ou de intervenções estéticas, esses sujeitos amarelos tornam-se mais apazíveis.

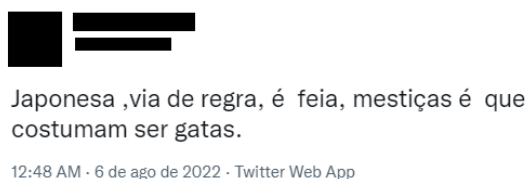


Figura 09

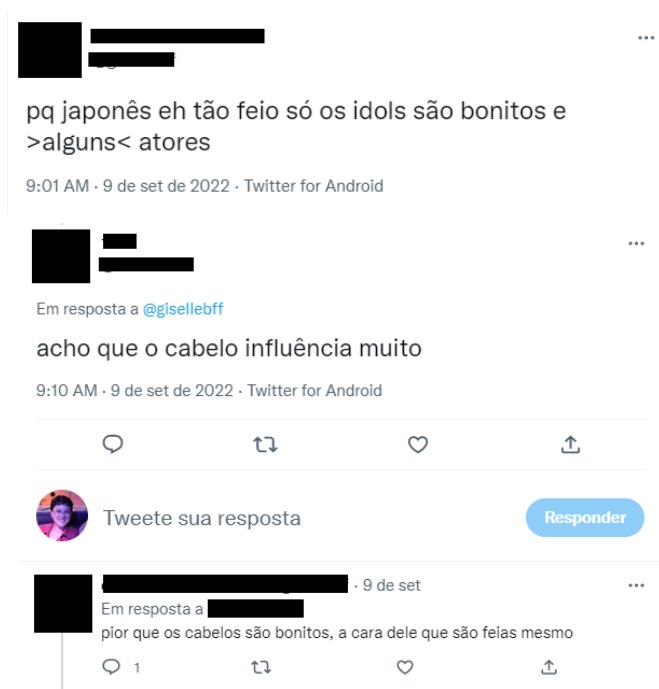


Figura 10

A aversão externa causada pela herança fenotípica denunciada pelos meus traços torna-se interna - e se é possível mudar, por que não? As tentativas de ocidentalização já abarcam diversas técnicas no mercado bilionário da cosmética e das cirurgias plásticas. Pesquisando por “cirurgia de ocidentalização” no Google, é possível encontrar diferentes sites onde cirurgiões justificam o procedimento de diversas formas - e são esses discursos que naturalizam uma tentativa de camuflagem de traços asiáticos que serão analisados na seção a seguir.

3.2 Discursos que justificam a ocidentalização dos olhos e a fetichização disfarçada de celebração.

Como foi possível perceber na última seção de análise, “feio” foi o termo mais utilizado para descrever pessoas com traços fenotipicamente leste asiáticos. O nojo, a partir de Kolnai (1998) tem forte relação com a dimensão de estética, nesse caso, a estética corporal principalmente chinesa e japonesa que, na época da imigração, causaram grandes incômodos que se perpetuam até hoje. Incômodos esses que são expressados, majoritariamente, em articulação com o nojo e ódio, como apresentam os tuítes. Segundo Takaki (2012), por carregar marcas que nos caracterizam e localizam em certos grupos sociais, o corpo seria um

dos aspectos mais significativos na construção e compreensão identitária.

Articulando seu argumento com Francisco Ortega, a autora explica como, a partir do século XX, novas formas de sociabilidade foram surgindo como resultado da mistura entre o desenvolvimento econômico e tecnológico com os avanços das biotecnologias e medicina. Se antes os sujeitos se agrupavam por afinidades religiosas, raciais ou de interesse político, hoje há uma aproximação entre as pessoas onde o ponto em comum seria o corpo - a vida *fitness*, pessoas que se identificam por conta de uma certa doença ou deficiência etc. Ortega denomina esse tipo de interação como biossociabilidade, que teria caráter apolítico e teria como ponto central, atividades que colocam o corpo como protagonista.

A biossociabilidade se relacionaria, segundo argumento da autora, com novas formas de identidade, as chamadas bioidentidades, que se constroem a partir da ideia de cuidado corporal, se articulando principalmente com as ideias de higiene, estética e medicina (ORTEGA, 2008). Para Takaki (2012), a sociedade contemporânea abraça a ideia das bioidentidades retirando, de certa forma, os valores morais da esfera interior do indivíduo e passando para o exterior, o corporal, colocando total responsabilidade do sujeito em seu próprio corpo, o que fomenta relações de autocontrole, autovigilância e autonomia de uma forma diferente. “Cada sujeito passa a se controlar, a se periciar para que sua identidade, seu corpo, torne-se condizente com os imperativos do momento.” (TAKAKI, 2012, p. 12).

Mesmo que com alguns movimentos contrários que serão abordados nesta seção, em questão de aparência física, o que estaria mais condizente com os imperativos do momento que a estética ocidental? Os indivíduos leste asiáticos ou descendentes, carregam justamente no seu corpo - local que se torna palco exclusivo das dimensões de essência e subjetividade, a partir da biossociabilidade -, marcas fenotípicas singulares que se afastam do padrão ocidental e os colocam como diferentes e estranhos ao contexto. Além disso, são marcas que trazem consigo crenças já construídas e perpetuadas a partir de estereótipos de raça - crenças essas, inclusive, que, como mostram os tuítes, provocam emoções aversivas. Dessa forma, a cirurgia de ocidentalização dos olhos representaria uma mudança corporal que poderia causar melhores impressões acerca daquele corpo já estigmatizado.

Ennes (2010) propõe que pensemos as intervenções cirúrgicas estéticas como estratégias identitárias. A relação entre identidade e corpo não se restringiria à esfera das cirurgias estéticas, isso porque “os gestos e técnicas corporais masculinos ou femininos; adultos ou infantis, de classes subalternas ou de classes dominantes, são socialmente e culturalmente definidos.” (ENNES, 2010, p. 163). Portanto, as intervenções cirúrgicas estéticas seriam ferramentas de adaptação que, literalmente, moldam os corpos para que estes

se encaixem nos padrões estéticos e culturais vigentes. Assim como Takaki (2012), o autor não considera a corporalidade apenas como um aliado à construção de identidade, mas como um dos seus fatores mais visíveis, contribuindo, conseqüentemente, para a divisão entre “eu” e os “outros”.

A condição de imigrante, de estrangeiro, segundo Ennes (2010), torna ainda mais forte a centralidade do corpo, principalmente do rosto, na questão de identidade. Isso porque está marcado no formato da face, do nariz, dos olhos e do cabelo, principalmente, traços que denunciam o sujeito como estranho e diferente ao local. O autor considera difícil o desvencilhamento dessas marcas do corpo imigrante, argumento que pode se relacionar com Ahmed (2012). Se transformados em traços aversivos, ou seja, se houver envolvimento da emoção, o despreendimento dessas marcas torna-se muito mais complexo - complexidade essa que pode justificar a popularização de procedimentos estéticos como o de ocidentalização das pálpebras. Somente uma cirurgia plástica poderia retirar os traços odiosos ou nojentos que marcam com força os sujeitos imigrantes como estranhos e aversivos.

Independente dos diferentes contextos históricos, sociais, culturais e políticos, Ennes (2010) considera que as cirurgias estéticas com objetivo de atenuar traços fenotípicos se relacionam diretamente com as disputas por poder e pela legitimação identitária. As tentativas de mudança desses traços que marcam o corpo imigrante teriam, também, como objetivo, na visão do autor, diminuir as dificuldades que essa parcela da população teria em relação à vida social e profissional. Na Coreia do Sul, os procedimentos de ocidentalização, que não se restringem mais aos olhos, mas se espalham por todo o corpo, têm como motivador, também, a questão do trabalho.

Em entrevista²⁵ à *Tech Insider* sobre o fenômeno de pais sul-coreanos presentearem seus filhos pela conclusão do ensino médio com uma cirurgia de ocidentalização dos olhos, o cirurgião plástico sul-coreano Man Koon-Suh explica alguns dos “problemas” das pálpebras sem dobra. Para o profissional, as pálpebras sem o sulco dariam uma aparência “raivosa” ao sujeito. Além disso, o médico pontua que a sociedade sul-coreana é muito competitiva, inclusive na esfera profissional. Esse fator também justificaria o procedimento, visto que, nas palavras de Koon-Suh, “um rosto bonito é uma ótima arma, já que pessoas bonitas sempre são escolhidas primeiro.” Portanto, esse “presente” vindo dos pais coreanos aos seus filhos, que agora terão contatos profissionais com a sociedade, reflete como, nem em um país leste

²⁵ Disponível em:

https://www.businessinsider.com/eyelid-surgery-in-south-korea-2015-11?utm_content=buffer7ff05&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer-ti

Acesso em: 23/11/2022

asiático, os traços fenotípicos característicos deste local são desejáveis. Mesmo que na Coreia do Sul os procedimentos ocidentalizadores atualmente se estendam até outras partes do corpo, no Brasil, os olhos ainda são o principal foco de mudança.

Cerca de 50% dos leste asiáticos nascem sem dobras nas pálpebras. Além disso, essa parcela da população conta com mais gordura nessa região em relação a rostos ocidentais, dando a impressão característica dos olhos menores e “puxados”. Sendo a estética ocidental a padrão de beleza e expressividade, se populariza, em meados de 1970 no Brasil, a chamada cirurgia de ocidentalização das pálpebras. Com o objetivo de criar a tão desejada dobrinha nas pálpebras, o procedimento cirúrgico estético pode ser feito de mais de uma forma: ou se retira a gordura “em excesso” e cria-se o sulco, ou dão-se pontos internos na região das pálpebras, formando a dobra. Quais seriam as justificativas para esse procedimento se não a transformação de traços fenotípicos leste asiáticos em marcas de ódio e nojo?

Ao colocar os termos “cirurgia de ocidentalização dos olhos” no Google, o resultado são páginas de diferentes clínicas estéticas explicando o procedimento e as justificativas deste. Quatro dos nove resultados que aparecem na primeira página de pesquisa são de clínicas em que os cirurgiões têm sobrenomes japoneses: Ishida²⁶, Kasai²⁷, Inada²⁸ e Kurahashi²⁹, fato que pode se relacionar com o argumento de Ahmed (2012), que explica a internalização da aversão de terceiros sobre um corpo.

Em relação aos corpos odiados, a autora diz que a transformação de um objeto em odiado ou não, dependerá do encontro entre os sujeitos e quais associações serão feitas nessa relação, fazendo com que certos objetos sejam compreendidos como mais odiosos que outros. Se os cirurgiões que defendem e fazem a cirurgia de ocidentalização dos olhos têm características fenotípicas leste asiáticas, eles atestam que existe algo a ser corrigido, inclusive, neles mesmos - retrato da aversão externa internalizada. Dessa forma, escolhi analisar as justificativas dos quatro já citados, assim como do Dr. Rafael Manzini³⁰, que

²⁶ Acesso a página da Clínica

Ishida: <http://www.clinicaishida.com.br/cirurgias/outras-cirurgias/ocidentalizacao-cirurgia-da-palpebra-oriental/>

²⁷ Acesso a página da Clínica Kiril Kasai:

<https://drkirilkasai.com.br/procedimentos/procedimentos-faciais/ocidentalizacao-de-palpebras/>

²⁸ Acesso a página da Clínica Marcelo Inada: <http://marceloinada.com/cirurgias/ocidentalizacao/>

²⁹ Acesso a página da Clínica Kurahashi Melo:

<https://kurahashimelo.com.br/Perguntas-Frequentes/o-que-e-a-cirurgia-de-ocidentalizacao-dos-olhos.html>

³⁰ Acesso a página da Clínica Rafael Manzini:

<https://rafaelmanzini.com.br/ocidentalizacao-a-blefaroplastia-para-orientais/>

também aparece na primeira página de busca. Dos cinco consultórios, quatro estão localizados em São Paulo-SP e um deles em Curitiba-PR. Vale lembrar que os estados com mais concentração de asiáticos brasileiros são, justamente, São Paulo e Paraná.

Das cinco clínicas, apenas a do Dr. Rafael Manzini não conta com a cirurgia de ocidentalização das pálpebras em seu catálogo, o texto no site trata-se apenas de considerações do cirurgião sobre o procedimento. No site da Clínica Ishida, a intervenção foi colocada na aba de “outras cirurgias” juntamente com a cirurgia plástica íntima feminina, a cervicoplastia e o aumento labial. No site da clínica do Dr. Marcelo Inada, não há uma divisão de categorias entre os procedimentos, estão todos na aba de “cirurgias”. Por fim, na clínica do Dr. Kiril Kasai, a operação se encontra na aba dos procedimentos faciais, onde está localizada, também, a blefaroplastia - ou seja, mesmo que com métodos parecidos, há diferenças.

A blefaroplastia é uma cirurgia feita nos olhos, com procedimentos similares aos da cirurgia de ocidentalização dos olhos, mas é mais procurada pelo público mais velho, que começa a ter excesso de pele em cima dos olhos e busca retirá-la, com fins estéticos, também. Entretanto, no caso da cirurgia de ocidentalização dos olhos, segundo os textos analisados das clínicas, quem mais procura pelo procedimento são jovens com ascendência asiática. Em questão da juventude asiática brasileira procurar esse tipo de procedimento estético, no texto da clínica do cirurgião Marcelo Inada, ele conta que já fazia esse procedimento desde a sua formação, a pedido das primas.

A harmonia facial é composta por diferentes peças, entre elas, o nosso olhar. O olhar entrega o que sentimos, nosso nível de cansaço e, em alguns casos, pode nos envelhecer.

Figura 11 - Trecho retirado do site da Clínica Rafael Manzini

A denominação de “Ocidentalização” para a cirurgia de confecção da prega supratarsal é um tanto equivocada. O paciente oriental geralmente não quer um olho “ocidental”, mas sim um olhar mais atraente e expressivo.

Figura 12 - Trecho retirado do site da Clínica Ishida

A operação de ocidentalização de pálpebras é indicada para jovens que ascendência oriental que desejam olhos mais expressivos e maiores

Figura 13 - Trecho retirado do site da clínica do Dr. Kiril Kasai

Embora seja chamada de cirurgia de **ocidentalização de pálpebras**, este procedimento não necessariamente promove uma aparência ocidentalizada aos olhos do paciente. A intervenção confere um olhar mais expressivo e atraente, mas que seja compatível com as demais características faciais do indivíduo, proporcionando assim um resultado harmonioso e natural.

Figura 14 - Trecho retirado do site da clínica do Dr. Kiril Kasai

Os discursos analisados abordam temas similares entre si. Pontuam a diferença entre os olhos e rostos, no geral, ocidentais e orientais, apontando as feições asiáticas como mais planas, “chatas” e os olhos como mais fechados e inchados. As quatro colocações colocam as marcas fenotípicas do leste asiático como empecilhos para uma harmonia e beleza do rosto, portanto, não demonstram divergências. Outro ponto em comum entre os discursos é um tom defensivo dos cirurgiões em suas colocações. A justificativa do procedimento em nome da harmonia é, geralmente, acompanhada de alguns eufemismos que explicam que o objetivo não seria apagar as origens do paciente, mas sim, realçá-las. Os argumentos se alinham num paradoxo que promete melhorar características fenotípicas asiáticas, se aproximando de um padrão ocidental de beleza e expressividade.

Em contrapartida, ao pesquisar por “ocidentalização dos olhos” no Twitter, é possível perceber colocações totalmente diferentes entre si na mesma página de pesquisa. Ao fazer essa busca, três principais “tipos” de tuítes aparecem: o de usuários almejando o procedimento (Figuras 15 e 16), o de clínicas estéticas vendendo a operação (Figura 17) e o de usuários que dizem não entender o porquê da intervenção. (Figuras 18 e 19).



Figura 15

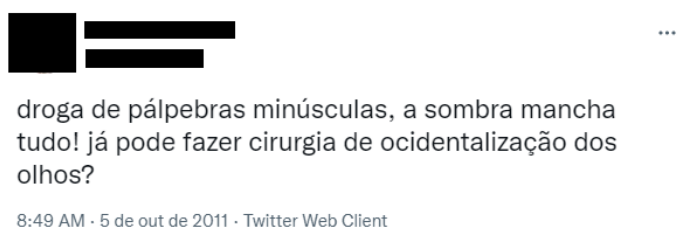



Figura 16


É possível deixar olhos de orientais com aparência dos ocidentais, sabia? No procedimento de Ocidentalização dos Olhos, o cirurgião faz o corte na pele palpebral criando o sulco que eleva a pálpebra.



8:00 AM · 21 de nov de 2018 · Semrush Social Media Tool

Figura 17

Olhos que me fascinam...
Nunca entendi pq a maioria das pessoas do sudeste asiático, anseiam por fazer a cirurgia de ocidentalização nas pálpebras dos olhos...
Esteticamente, qto mais miudinho, mais lindo é!
[#prontofalei](#) [#Blefaroplastianão](#) [#서민국](#) [#SeolnGuk](#)



8:13 AM · 25 de mai de 2021 · Twitter Web App

Figura 18

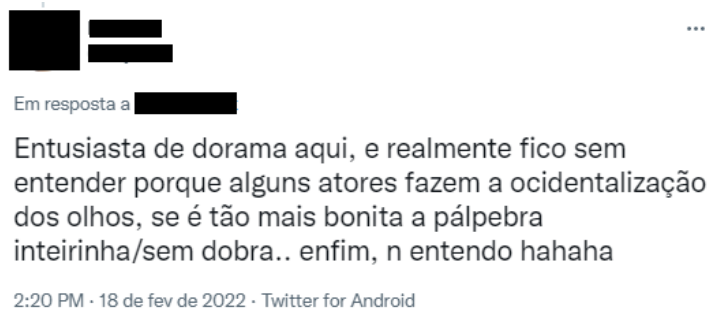


Figura 19

Os tuítes de usuários desejando o procedimento também são similares entre si e se voltam frequentemente para a questão da maquiagem. Principalmente na internet, a maquiagem em pessoas amarelas é geralmente descrita como mais complexa e objetiva, objetivando um aumento dos olhos da pessoa - assim como as cirurgias de ocidentalização das pálpebras, a maquiagem em pessoas amarelas deve “abrir o olhar” em nome da expressividade. O tuíte da Figura 16 demonstra essa inadequação da pessoa amarela no mundo da maquiagem ocidental - a autora almeja uma cirurgia de ocidentalização pela frustração com as técnicas de maquiagem disponíveis.

O tuíte da Figura 17 é apenas um dos vários tuítes do mesmo perfil encontrados durante a pesquisa. Eles são de autoria da conta de uma clínica especializada em cirurgias plásticas de São Paulo - SP e, diferentemente dos discursos dos cirurgiões anteriormente analisados, não demonstram uma suavização da tentativa de apagamento de traços asiáticos a partir do procedimento de ocidentalização. Nos diversos tuítes da clínica sobre o procedimento, fica clara a intenção de tornar olhos orientais em ocidentais. Além disso, um dos tuítes desta clínica se relaciona com o tuíte da Figura 16, visto que justifica a intervenção a partir da dificuldade que mulheres com pouco espaço na pálpebra têm ao se maquiar. A problemática se desenvolve em volta da adequação, ao invés de adequar a maquiagem ao formato do olho, sugere-se adequar o formato do olho à maquiagem.

A última categoria dos tuítes encontrados, que são os que não entendem o porquê da cirurgia de ocidentalização dos olhos, demonstra um movimento contrário recente que se relaciona com a ascensão do *k-pop* no mundo inteiro, mas mais especificamente no Brasil - os dois tuítes que se posicionam contrários à ocidentalização cirúrgica utilizam termos específicos do universo coreano: *dorama* (produções televisivas coreanas de drama) e *Seo In-Guk* (ator e cantor famoso sul-coreano). Aqui, as autoras demonstram dificuldade em entender o porquê de pessoas amarelas passarem pelo procedimento de ocidentalização, já

que os olhos “puxados” também seriam bonitos. Mesmo que a regra ainda seja pessoas amarelas buscarem procedimentos cirúrgicos ocidentalizadores, já é possível perceber, principalmente no mundo da maquiagem e das intervenções estéticas, pessoas que não têm ascendência leste asiática tentando criar, em si mesmos, traços asiáticos. Existem diversas polêmicas acerca de alguns métodos de maquiagem que tentam “puxar” os olhos com fitas adesivas, ou então, criar ilusões que façam os olhos parecerem mais puxados. Além disso, mais recentemente, têm surgido casos de pessoas comuns ou celebridades da internet que teriam passado por procedimentos cirúrgicos para se parecerem com pessoas asiáticas - caso da influencer digital Oli London.

Oli London é uma influencer trans de gênero fluído de 32 anos que diz ter passado por 32 intervenções cirúrgicas, desde 2018, para se parecer com seu ídolo *k-popper*, Park-Jimin. Segundo a matéria³¹ da Revista Koreain, Oli ganhou fama em 2018 após aparecer em um documentário onde revela o quanto gastou para se parecer com seu ídolo, cantor da famosa banda de *k-pop* BTS. Em um vídeo de desculpas ao cantor e à comunidade asiática, a influencer conta como sempre sofreu com questões de identidade por sofrer muito bullying na escola, o que fez com que ela mergulhasse de forma obsessiva no mundo do *k-pop*, quando foi morar na Coreia do Sul aos 23 anos. No vídeo, London conta que hoje entende que nunca poderá ser outra pessoa, como sempre quis, mesmo fazendo dezenas de cirurgias plásticas para mudar seu rosto.

³¹ Disponível em:

<https://revistakoreain.com.br/2022/08/oli-london-pede-desculpas-a-jimin-bts-por-sua-obsessao-doentia-do-passado/>

Acesso em: 23/11/2022



Oli London antes das intervenções cirúrgicas. Fonte: Daily Mail UK.



Oli London atualmente, depois das cirurgias. Fonte: Instagram



London durante processo de recuperação das cirurgias. Fonte: Sky News.

No vídeo de desculpas, que tem como título “Minhas desculpas a Jimin e à comunidade asiática”, a influencer relata que ainda se considera uma pessoa coreana transracional e espera que governo sul coreano a reconheça como tal. As polêmicas acerca dos procedimentos feitos por Oli se centraram na questão de apropriação cultural. De forma análoga às críticas traçadas sobre as técnicas de maquiagens que buscam simular feições asiáticas, a questão da apropriação cultural é o ponto principal das opiniões que desaprovam ambas atitudes.

A questão identitária focada principalmente no corpo, como argumentam Takaki

(2012) e Ennes (2010), se articula fortemente com esses dois métodos de se parecer asiático. Entretanto, se a cirurgia de ocidentalização pode ser pensada como resultado de relações de poder que naturalizam e impõem padrões estéticos e corporais aos corpos amarelos, as cirurgias de orientalização não podem ser compreendidas meramente como práticas de resistência ou oposição aos padrões ocidentais. Enquanto nas cirurgias de ocidentalização os pacientes amarelos parecem tentar se livrar de marcas aversivas fomentadas de maneira coletiva contra esses corpos, Oli passou por todas essas cirurgias não para se adequar a um padrão oriental, mas para realizar um ideal fantasioso do Oriente. Utilizando o bullying como justificativa para as intervenções, a influencer poderia ter ido morar em algum outro país com características fenotípicas diferentes das leste asiáticas e se encantado de maneira obsessiva por essa outra cultura. No caso das pessoas amarelas que escolhem ocidentalizar suas pálpebras, tratamos de um contexto onde, claramente, aproximar-se da estética ocidental, especificamente, é o objetivo - as motivações são diferentes. Oli não tentou tornar suas feições parecidas com pessoas asiáticas para se afastar de marcas hostis colocadas em si por conta de sua raça. O bullying sofrido por uma pessoa branca durante o período escolar não pode ser colocado como mesmo motivador que o racismo.

Os modos que a mídia trata a cirurgia de ocidentalização foram analisados a partir das primeiras manchetes que surgem ao pesquisar “cirurgia de ocidentalização” no Google Notícias. A maioria delas trata o procedimento como uma “nova febre na Ásia”, mas não traçam nenhum tipo de crítica, somente expõem a popularização dos procedimentos e explicam o objetivo de aproximação da estética ocidental. Em uma das manchetes até se cita a preocupação das autoridades sul-coreanas acerca do procedimento, mas a matéria não desenvolve muito sobre, fala de forma rasa sobre alguns efeitos colaterais perigosos, mas não cria uma problematização de fato. A preocupação das autoridades sul-coreanas não parece tão interessante, já que se restringe apenas à manchete da matéria.

As matérias que mais aparecem a partir da pesquisa são as de cirurgiões explicando o procedimento, com discursos muito similares aos dos cirurgiões analisados anteriormente. “O mais natural possível” é a manchete de uma matéria³² publicada em fevereiro de 2019, na Folha de Londrina, e conta com o depoimento do dr. Evaldo Ogatta, também de ascendência japonesa, que fez especialização na técnica de ocidentalização dos olhos no Japão. Assim como outras matérias que explicam o procedimento a partir das declarações de especialistas, seu discurso se baseia, mais uma vez, no mito da harmonia facial, expressividade no olhar e

³² Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-gente/o-mais-natural-possivel-1026826.html>
Acesso em: 23/11/2022

melhora, não mudança, dos traços leste asiáticos.

O mais natural possível

PUBLICAÇÃO
sábado, 16 de fevereiro
de 2019

ÉRIKA
GONÇALVES

REPORTAGEM
LOCAL



texto -



texto +



escuro



Formado na UEL em 1984, Evaldo Ogatta se especializou na técnica da "ocidentalização" dos olhos, no Japão: "É só para criar o sulco palpebral, não tira a característica oriental" | Foto: Marcos Zanutto

Figura 20

Como é possível ver na Figura 20, o Dr. Ogatta descreve a cirurgia de ocidentalização dos olhos apenas como uma criação do sulco nas pálpebras, sem o objetivo da retirada de características orientais. Com discurso muito similar ao dos outros cirurgiões plásticos já citados, o procedimento é tratado de forma simplista, onde há um objetivo e seu trabalho é apenas atingi-lo. Não existe uma análise sobre as origens dessa vontade tão forte de mudar o formato dos olhos. A matéria, que tem como primeira informação os 35 anos de experiência do profissional, dedica seus três primeiros parágrafos à questão das cirurgias estéticas direcionadas ao público mais velho, e não à cirurgia de ocidentalização dos olhos, tão popular entre a população amarela mais jovem. Apenas depois desta introdução mais genérica, é que encontramos o primeiro e único tópico específico sobre o procedimento, que tem como título “Ocidentalização”.

O Dr. Ogatta considera o termo “cirurgia de ocidentalização” como errado, já que o procedimento não teria como fim ocidentalizar o paciente, mas criar a dobra nas pálpebras. O profissional resgata a ideia da maquiagem como motivadora da popularização da cirurgia e traz a globalização como outro fator importante para esse movimento. Segundo Ogatta, “É só para criar o sulco palpebral. Ele não tira a característica oriental da paciente, ela só cria um sulco de maneira que a paciente possa fazer a maquiagem, os cílios ficaram virados para

cima. Digo que é uma cirurgia em que você mantém o quadro, que são os olhos, e só muda a moldura. Você valoriza o quadro.” De fato, o procedimento não nega as origens do paciente - a diferença não é gritante a esse ponto. Entretanto, o mais importante é questionar o porquê da associação da melhora e da valorização com a tentativa de apagamento de traços amarelos e, conseqüentemente, a aproximação da estética ocidental.

Após o sucinto trecho sobre a ocidentalização, a matéria se afasta aos poucos do que se espera a partir da manchete, contando um pouco sobre a longa e vitoriosa carreira do profissional, chegando até em sua vida pessoal. Curiosamente, o último tópico da matéria tem como título “Pesca” e lista os vários países pelos quais o Dr. Ogatta passou para praticar um de seus hobbies favoritos. A matéria dedicar apenas três parágrafos à cirurgia de ocidentalização dos olhos demonstra como nela não há espaço para discussão ou questionamento sobre o procedimento. Mesmo que a manchete e a legenda da única imagem presente nos levem a pensar numa maior dedicação ao tema, três parágrafos com hipóteses e justificativas repetidas foram suficientes para a construção e publicação do texto.

O único resultado que traça algum tipo de crítica às tentativas de mudanças de traços raciais se foca mais na questão da maquiagem. A matéria³³ do Estado de Minas, que tem como título “Ser o que sou: veja quem usa a maquiagem para autoconhecimento”, conta a história de diferentes influenciadores e suas relações com a maquiagem. As duas fontes nipo-brasileiras da matéria são Vitor Goto e Bruna Tukamoto, ambas influenciadoras digitais. A trajetória, tanto de Bruna quanto de Vitor, foi marcada pela dificuldade e tentativa de adequação dentro do mundo da maquiagem que, mais tarde, se tornou ferramenta central para o processo de auto aceitação e autoconhecimento dos dois. Bruna conta que pensou em fazer a cirurgia de ocidentalização dos olhos, principalmente por conta da frustração que sentia com a maquiagem - sempre adorou assistir a tutoriais, mas se frustrava ao tentar replicar em seus olhos, já que as técnicas eram pensadas para olhos ocidentais.

De forma análoga ao caso de Bruna, Vitor também sentia muita dificuldade com a maquiagem principalmente pela falta de referências que fizessem sentido em seu rosto. Dessa forma, é possível perceber como, nessas narrativas, a maquiagem aparece primeiramente como dificuldade e fonte de frustração, mas depois se torna um recurso de apoio no caminho do autoconhecimento. Tanto Bruna quanto Vitor enxergaram essa falta de referência de rostos amarelos no universo da maquiagem e decidiram mudar isso, sendo, eles mesmos, as

³³ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/02/04/noticia-diversidade_1341826/ser-o-que-sou-veja-que-m-usa-a-maquiagem-para-autoconhecimento.shtml

Acesso em: 23/11/2022

referências. A matéria, que se encontra na seção de “diversidade” do site, se articula principalmente com a questão identitária e de autoconhecimento centrada no corpo e alia outras pautas sociais à crítica, como a questão da maquiagem e o feminismo.

Por muito tempo, a maquiagem foi associada às demandas do patriarcado e do capitalismo como uma ferramenta de aprisionamento feminino. A pressão estética ainda é uma das maiores responsáveis pelo descontentamento das mulheres com a própria imagem e afeta, diretamente, a construção da autoestima delas.

Figura 21

Mesmo que a matéria aborde as vivências de duas pessoas nipo-brasileiras com a maquiagem, a autoaceitação e a cirurgia de ocidentalização ainda parecem discussões não muito aprofundadas. O texto traz mais duas fontes que trabalham com maquiagem e falam sobre as particularidades de cada rosto que devem ser respeitadas, mas os discursos além de não somarem muito entre si, não se desenvolvem em nenhuma questão específica. Desta vez, a manchete fala sobre o uso da maquiagem para o autoconhecimento, tema que não é desvirtuado, mas não busca de forma efetiva as causas do descontentamento de pessoas não-brancas com a maquiagem e a estética. Mesmo sendo uma grande problemática, as intervenções cirúrgicas que, em diversos depoimentos são resultado de uma insatisfação com a maquiagem, são citadas de forma muito superficial e rápida. Há uma curiosa transição entre uma mudança interna e pessoal (autoconhecimento) com a tentativa de popularizar esse sentimento através das redes sociais. Trata-se de uma matéria muito interessante, mas que não se desenvolve em questão das causas da tentativa de mudança de traços raciais.

CONCLUSÃO

Para atingir o objetivo de entender as formas que as emoções hostis formam os corpos amarelos em discursos na internet, esta pesquisa se desenvolveu a partir da análise de diferentes colocações feitas de maneira on-line por grupos diversos, para garantir maior abrangência de opiniões sobre a temática. Por ser uma rede social amplamente utilizada, o Twitter permitiu que encontrássemos declarações pertinentes para cada momento da pesquisa. Dessa forma, analisei tuítes que articulam emoções aversivas contra a população amarela, pessoas asiáticas brasileiras expressando descontentamento com sua aparência física e, por fim, tuítes que celebram os traços leste asiáticos.

Para entender as maneiras que os cirurgiões plásticos encaram e vendem a cirurgia de ocidentalização dos olhos, há, também, a análise de textos escritos por esses médicos e publicados nos sites de suas clínicas. Se relacionando com os tuítes que celebram os traços leste asiáticos, ligados, principalmente à ascensão do *k-pop* no Ocidente, analisei uma matéria que conta parte da história da influencer Oli London a fim de trazer uma contraposição que revela uma obsessão que extrapola o escopo da celebração e se torna fetichização. Por fim, para investigar sobre de que formas a mídia, principalmente a mídia jornalística, trata a questão das cirurgias de ocidentalização das pálpebras, analisei duas matérias que abordam o tema, mas se diferem completamente entre si, em questão de angulação.

Todos os tuítes foram encontrados a partir de uma pesquisa exploratória, na qual coloquei termos específicos na barra de busca do Twitter e fui avaliando a sua relevância para o trabalho. Os que se mostrassem pertinentes eram *printados* e salvos, para posteriormente serem organizados numa grade de análises. A grade de análises foi utilizada apenas na primeira parte de análise, dado o maior volume de tuítes, e contava com divisões para auxiliar a interpretação dos textos. Dessa forma, identificar qual emoção aversiva estava sendo expressada, reconhecer as relações da declaração com as esferas de crença, atitudes, status ou valor e localizar qual corpo estava sendo atacado naquele tuíte foi essencial para o desenvolvimento da análise baseada na bibliografia sobre as emoções aversivas, ancorada principalmente em Ahmed (2012), Kolnai (1998) e (2017), Solomon (2008) e Miller (1998).

Para a segunda parte de análise, fiz uma pesquisa simples no Google por “cirurgia de ocidentalização dos olhos” e selecionei o site das cinco clínicas que apareceram na primeira

página de pesquisa, das quais quatro eram de cirurgiões com sobrenomes japoneses - fato que posteriormente articulei com o argumento de Ahmed (2012) sobre a internalização das marcas aversivas e, também, interpretei como uma ferramenta de credibilidade dos cirurgiões com os possíveis pacientes. A fim de encontrar textos mais informais e cotidianos sobre o procedimento, pesquisei mais uma vez por “cirurgia de ocidentalização dos olhos”, mas dessa vez no Twitter, busca que resultou em dois resultados principais interessantes. Encontrei tuítes de pessoas asiáticas brasileiras desejando pela intervenção e tuítes de pessoas que se mostraram indignadas com a popularização dessa cirurgia, partindo para uma celebração dos traços amarelos.

Em questão dessa celebração, pesquisei sobre a história da influencer Oli London, que me levou a uma matéria que conta sobre sua vida a partir de um pedido de desculpas feito por ela no YouTube depois de receber muitas críticas por fazer dezenas de cirurgias para se parecer com seu ídolo do k-pop, Park Ji-min. Para ter um panorama sobre o tratamento que a imprensa dá às cirurgias de ocidentalização dos olhos, analisei duas matérias que apareceram numa pesquisa no Google Notícias por, mais uma vez, “cirurgia de ocidentalização dos olhos”. A segunda parte de análise da pesquisa, que conta com objetos diferentes, mas que se articulam entre si, teve interpretação baseada principalmente na bibliografia de Takaki (2012), Ennes (2010), Ahmed (2012) e Kolnai (1998).

A partir das análises, é possível perceber que compreender as emoções como construções sociais é fundamental para que não haja a naturalização desses sentimentos contra as minorias raciais. Interpretar o nojo, ódio, raiva, ressentimento e desprezo como reações corporais naturais é atestar que o alvo dessas emoções hostis têm, em sua natureza, algo que suscite esses sentimentos - o que não é verdade. As emoções são ferramentas poderosas de criação e cristalização de hierarquias, pois têm grande poder de articulação do seu entorno, categorizando e separando os indivíduos, mantendo uma “ordem” que não coloque os interesses de pequenas parcelas da população em risco. Além disso, a falta da racialização da população amarela no Brasil facilita a livre circulação de declarações que marcam os corpos leste asiáticos como temíveis, nojentos e odiosos. A maioria dos tuítes da primeira seção de análise, que poderiam até se enquadrar como criminosos, não são encarados com tamanha seriedade - se ainda há uma resistência em entender a população amarela como racializada, enquadrar essas declarações como racismo se mostra mais distante ainda.

A construção do sujeito asiático brasileiro a partir das grandes imigrações leste asiáticas ao Brasil foi rodeada de incômodos políticos, econômicos e sociais que hoje são

interpretados como fundamentais para a persistência de estereótipos de raça que envolvem a população amarela no Brasil até hoje. O desconforto com a aparência dos imigrantes leste asiáticos no Brasil foi pauta forte durante o processo de imigração, com reflexos claros até os dias atuais. O descontentamento de milhares de amarelos com a sua própria aparência ilustra perfeitamente o argumento de Ahmed (2012) sobre a interiorização das marcas de ódio colocadas em terceiros nessa parcela da população. As cirurgias de ocidentalização das pálpebras se tornam, portanto, uma alternativa para tentar suavizar traços que foram e são associados a emoções hostis como nojo, medo, ódio e desprezo. Manter o Ocidente como referência estética promove esse movimento de tentar apagar traços que denunciem uma origem “distante” - e quando digo distante não me refiro necessariamente à distância física, mas uma distância de padrões comportamentais e estéticos do considerado normal, harmônico e belo.

A recente ascensão do *k-pop* no Ocidente tornou a estética leste asiática mais popular de modo geral. Importante frisar que mesmo com declarações que celebram e desejam os olhos puxados, a regra ainda é a ocidentalização. Com o caso de Oli London, foi possível concluir como a celebração pode se tornar em fetichização. A influencer ter feito mais de 32 cirurgias estéticas para se parecer coreana e alegar que se considera uma pessoa transracional não corresponde com a exaltação dessa cultura. Com o corpo na centralidade das nossas questões identitárias, como sugere Francisco Ortega, o caso de Oli representa uma tentativa de troca de identidade, devido à questões de bullying do seu passado, que se foca majoritariamente na mudança corporal. A partir dos comentários de um vídeo do YouTube³⁴ que compila momentos em que Oli tenta falar coreano, parece que se trata apenas de uma tentativa, mesmo. Minha falta de familiaridade com o idioma não permite que eu identifique a assertividade do coreano da influencer, mas a esmagadora maioria dos comentários expressa indignação com o vídeo, dizendo, principalmente, que Oli está longe de falar coreano corretamente.

Ao mesmo tempo que diz ser uma pessoa coreana trans-racial, Oli não parece preocupada em aprender o idioma coreano. Isso porque a centralidade do corpo na questão identitária permite que mudanças físicas transformem identidades. Portanto, para a influencer, a fim de se separar de uma identidade que lhe rendeu sofrimento no passado, apenas se parecer com seu ídolo coreano seria suficiente. Mesmo se London tivesse aprendido a falar coreano perfeitamente, ela não seria coreana, não é sobre isso - o ponto principal é entender

³⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n4OiIGSp0RU&ab_channel=phira360
Acesso em: 23/11/2022

como o corpo é centro das demandas identitárias. Oli London faz cirurgias plásticas para se afastar de uma antiga identidade que lhe rendeu tormentos no passado, enquanto pessoas amarelas fazem cirurgia de ocidentalização dos olhos para se livrar de marcas hostis deixadas em seus corpos por terceiros de forma coletiva - o corpo é cerne da questão.

A imprensa ainda trata a questão das cirurgias de ocidentalização de forma sensacionalista e pouco crítica. As duas matérias analisadas têm angulações totalmente diferentes, mas ambas pecam na investigação do porquê pessoas amarelas quererem mudar seus rostos. A matéria que tem como fonte principal um cirurgião plástico especializado no procedimento faz uma abordagem extremamente rasa sobre o assunto, se estendendo mais em questões independentes da manchete. A matéria que tem um tom mais voltado às questões de diversidade e autoconhecimento através da maquiagem também não se desenvolve em críticas ao padrão ocidental estético de harmonia. Infelizmente ainda são muitos os entraves para desvencilhar marcas aversivas da população amarela no Brasil. Ahmed (2012) diz que, quando transformadas em afetivas e emocionais, as hierarquias tornam-se permanentes. Portanto, entender as emoções como construções sociais e não impulsos naturais é o primeiro grande passo para a tentativa de desmonte das ordens que localizam e apontam certas camadas sociais como aversivas, as restringindo a espaços que não causem incômodo às parcelas que se enquadram nos conformes necessários para que certas relações de poder sigam intactas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Sarah. **The cultural politics of emotion**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

BENITEZ, Maria; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. **Anuário antropológico**, v.46 n. 3, p, 10-59, 2021.

ENNES, Marcelo. Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, v.41, n. 2, p. 163-174, 2010.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

ISCHIDA, Camila. **A experiência nikkei no Brasil: uma etnografia sobre imaginários e identidades**. 2010. 295 f. Tese (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

KOLNAI, Aurel. An essay on hatred. In: KOLNAI, Aurel; MCALEER, Graham; DUNLOP, Francis. **Politics, Values, and National Socialism**. Londres: Routledge, 2017.

KOLNAI, Aurel. The standard modes of aversion: fear, disgust and hatred. **Mind**, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998.

KORSMEYER Carolyn; Smith, Barry. Visceral Values: Aural Kolnai on Disgust. In: KOLNAI, Aurel. **On Disgust**. Chicago: Open Court, 2004, p. 1-25.

MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust**. Boston: Harvard University Press, 1998.

MORITA, Maria. **Corpos narrados em território de Brasil: a fabulação do corpo híbrido amarelado**. 2019. 117 f. Tese (Mestrado em Filosofia) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SOLOMON, Robert C. **True to our feelings**: What our emotions are really telling us. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

TAKAKI, Natalia. **Corpo, cultura e juventude *nikkei*: processos de construção identitária**. 2012. 140 f. Tese (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.